ILUSTRAÇÃO

N.º 327 — 14.º ano

1-AGOSTO-1939

PREÇO-5 escudos

Biblioteca de Instrução Profissional

LIVROS DE CONSULTA E INSTRUÇÃO

OBRAS DE RECONHECIDO VALOR

ELEMENTOS GERAIS

Álgebra Elementar, pelo prof. Guilherme Ivens Ferraz — 1 vol. de 296 págs.. 13$00

Aritmética Prática, pelo prof. Cunha Rosa — 1 vol. de 384 págs. ..... 13$00

Desenho Linear Geométrico, pelo prof. Cunha Rosa — 1 vol. de 192 págs., com 292 grav. ..... 12$00

Elementos de História da Arte, pelo prof. João Ribeiro Cristino da Silva — 1 vol. de 709 págs., com 641 grav. ..... 25$00

Elementos de Mecânica, pelo prof. Eugénio Estanislau de Barros — 1 vol. de 230 págs., com 141 grav. ..... 12$00

Elementos de Metalurgia, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 424 pág., com 121 grav. ..... 20$00

Elementos de Modelação de ornato e figura, pelo prof. Josef Füller — 1 vol. de 150 págs., com 69 grav. e 30 est. 12$00

Elementos de Projecções, por João António Piloto — 1 vol. de 405 págs., com 351 grav. ..... 18$00

Elementos de Química, organizado pela Direcção da Biblioteca de Instrução Profissional — 1 vol. de 330 págs., com 73 grav. 15$00

Escrituração Comercial e Industrial, pelo prof. Severiano Ivens Ferraz — 1 vol. de 188 págs., ... 12$00

Física Elementar, pelo prof. Mário Valdez Bandeira — 1 vol. de 304 págs., com 241 grav. ..... 15$00

Geometria Plana e no Espaço, pelo prof. A. Cunha Rosa — 1 vol. de 290 págs., com 273 grav ..... 15$00

O Livro de Português, pelo prof. António Baião — 1 vol. de 220 págs. .... 12$00

MECÂNICA

Desenho de Máquinas, pelo prof. Tomaz Bordallo Pinheiro — 1 vol. de 336 págs., 283 fig. e 91 est..... 30$00

Material Agrícola, por H. Francem da Silveira — 1 vol. de 270 págs., com 208 gravuras..... 15$00

Nomenclatura de Caldeiras e Máquinas de Vapor, pelo eng. António Joaquim de Lima e Santos — 1 vol. de 280 págs., com 423 grav..... 15$00

Problemas de Máquinas, pelo eng. António Joaquim de Lima e Santos — 1 vol. de 400 pág., com 170 grav..... 18$00

CONSTRUÇÃO CIVIL

Acabamentos das construções, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 356 págs., com 168 grav... 17$00

Alvenaria e Cantaria, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — No prelo.

Cimento Armado, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 684 págs., com 356 grav..... 28$00

Edificações, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 260 págs., com 221 grav. ..... 17$00

Encanamentos e salubridade das habitações, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 300 págs., com 157 gravuras ..... 15$00

Materiais de Construção pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 564 págs., com 300 grav..... 30$00

Terraplenagens e Alicerces, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 230 pág., com 230 grav ..... 15$00

Trabalhos de Carpintaria Civil, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 418 pág, com 464 grav. ..... 20$00

Trabalhos de Serralharia Civil, pelo eng. J. E. dos Santos Segurado — No prelo.

MANUAIS DE OFÍCIOS

Condutor de Automóveis, pelo eng. António Augusto Mendonça Taveira — No prelo.

Condutor de Máquinas, pelo eng. Carlos Pedro da Silva — 1 vol. de 396 págs., 284 figs. e 15 est. ..... 25$00

Electricista (Novo Manual do), pelo eng. Hugo Pinto de Morais Sarmento — 1 vol. com 436 págs. e 246 grav..... 25$00

Fabricante de Tecidos, pelo eng. José Maria de Campos Melo — 1 vol. de 608 págs., com 342 grav. ..... 25$00

Ferreiro, pelo eng. Carlos Pedro da Silva — 1 vol. de 238 págs., com 155 grav. e 34 estampas..... 15$00

Fogueiro, pelos engs. António Mendes Barata e Raúl Boaventura Real — 1 vol. de 384 págs., com 318 grav..... 18$00

Formador e Estucador, pelo prof. Josef Füller — 1 vol. de 196 págs., com 66 gravuras.. ..... 12$00

Fotógrafo, por Antero Dâmaso das Neves — 1 vol. de 204 págs., com 31 grav.... 12$00

Fundidor, por Henrique Francem da Silveira — 1 vol. de 232 págs., com 146 grav. 15$00

Galvanoplastia, por André Brochet, tradução de Manuel Véres — 1 vol. de 400 págs., com 148 grav..... 18$00

Marceneiro, por José Pedro dos Reis Colaços — 1 vol. de 378 págs., com 299 grav. e 97 estampas..... 20$00

Motores de Explosão, (Combustão interna) pelo eng. António Mendes Barata — 1 vol. de 516 págs., com 409 grav.. ..... 30$00

Navegante, pelo almirante Guilherme Ivens Ferraz — 1 vol. de 308 págs., com 139 gravuras..... 15$00

Pilotagem, pelo almirante Guilherme Ivens Ferraz — 1 vol. de 300 págs., com 119 gravuras..... 17$00

Serralharia Mecânica, pelo eng. João Sequeira de Castro — 1 vol. de 412 págs, com 395 grav ..... 20$00

Topografia e Agrimensura, pelo coronel Guedes Vaz e tenente-coronel Mousinho de Albuquerque — 1 vol. de 442 págs., com 282 grav. ..... 22$00

Torneiro e Frezador Mecânicos, pelo eng. João Sequeira de Castro — 1 vol. de 307 págs., com 372 grav ..... 17$00

Vocabulário de Termos Técnicos, pelo eng.-maquinista Raúl Boaventura Real — 1 vol. de 558 págs ..... 30$00

DESCRIÇÃO DE DIVERSAS INDÚSTRIAS

Indústria Alimentar, por Pedro Prostes — 1 vol de 180 págs., com 76 grav. 14$00

Indústrias de Fermentação, por Henrique Francem da Silveira — 1 vol de 180 págs., com 72 grav..... 14$00

Indústria de Sabões e Sabonetes, por António Rio de Janeiro — 1 vol. de 100 págs., com 25 grav. ..... 10$00

Indústria do vidro, pelo prof. José Maria de Campos Melo — 1 vol. de 212 págs., com 111 grav ..... 15$00

CONSTRUÇÃO NAVAL

Construção Naval, IV volume (Construção dos navios de ferro) pelos engs. Eugénio Estanislau de Barros e A. Ferreira de Freitas — 1 vol. de 148 pág., com 188 grav., formato 16 × 22..... 12$00

Construção Naval, V vol. (Armamento e acessórios dos navios de ferro), pelos eng. Eugénio Estanislau de Barros e A. Ferreira de Freitas — 1 vol. de 130 pág., com 138 grav., formato 16 × 22 ..... 12$00

Todos estes livros são encadernados em percalina

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND-Rua Garrett, 73-75-LISBOA

GRANDE EXITO LITERÁRIO

Acaba de aparecer nova edição revista de

O HOMEM QUE MATOU O DIABO

DE AQUILINO RIBEIRO

O que são, afinal, amor, arte, Deus, o Diabo? Ilusões, Realidades?

1 vol. de 392 págs., brochado . . . . . Esc. 12$00
Pelo correio à cobrança . . . 13$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73-75 — LISBOA

ILUSTRAÇÃO
Director: ARTHUR BRANDÃO
Editor: José Júlio da Fonseca
Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30 — Lisboa
Administração: Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES 3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

FÁBRICA DE ACESSÓRIOS TEXTEIS

DE

EDUARDO PEREIRA PINTO
& FILHOS

Fundada ha 51 anos

A MAIS COMPLETA E PREMIADA DO PAÍS

RUA DAS AREIAS, 95

Telefones: 1668 e 1313 Telegramas: DORATO

ESCRITÓRIO

Rua Duque de Saldanha, 150 — PÔRTO

Dr. Bengué, 16, Rue Ballu, Paris.

Venda em todas as Pharmacias

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podeis acalmar as vossas dôres com o

ESPECIFICO BÉJEAN

O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra

a GÔTA, a SCIÁTICA os REUMATISMOS Agudos ou Chronicos

e todas as dôres de origem arthritica

Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.

Á venda em todas as Pharmácias

Produits BÉJEAN - Paris

UMA GRANDE REVELAÇÃO CIENTÍFICA

Um ano de tratamento da tuberculose pelo método embolígeno

DO DR. BERNAY (DE LYON)

PELO Dr. MÁRIO DAMAS MÓRA

Director da clínica da Trindade e Director do Dispensário Anti-Tuberculoso «Dr. M. Ferreira de Mira» da A. N. T.

1 vol de 56 págs., formato 24×16,5 com 16 gravuras
Esc. 10$00; *pelo correio à cobrança*, Esc. 11$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR-DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de oiro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

GRAVADORES IMPRESSORES

Bertrand, Irmãos, L.da

Telefone 2 1368

Travessa da Condessa do Rio, 27
LISBOA

TEATRO
DE
JÚLIO DANTAS
OBRAS COMPLETAS

5 volumes encadernados em percalina

Esc. 100$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

UM LIVRO DE ARTE E UTILIDADE

A HABITAÇÃO

POR **Fernando Perfeito de Magalhães**
Com um prefácio do **Prof. Dr. Agostinho de Campos**

1 vol. com muitas gravuras, algumas a côres, representando projectos de construção de moradias etc., broc. **Esc. 10$00**
Pelo correio à cobrança **Esc. 11$50**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73-LISBOA

À VENDA

A Patologia da Circulação Coronária

O problema da angina pectoris
O infarto do miocardio
O sindroma de Adams-Stokes

PELO **DR. EDUARDO COELHO**
Professor da Faculdade de Medicina

1 vol. de 168 págs. no formato 17,5 × 26, em papel couché, profusamente ilustrado, Esc. **25$00**
Pelo correio à cobrança, Esc. **27$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

UM GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

À venda a 10.ª edição de

FÁTIMA

GRAÇAS * SEGREDOS * MISTÉRIOS

PELO **DR. ANTERO DE FIGUEIREDO**

Obra admirável de emoção e beleza literária

1 vol. de 378 páginas, com uma capa artística a côres e oiro, de **ALBERTO DE SOUSA, Esc. 12$00**; pelo correio, à cobrança, **Esc. 14$00**

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ÀS MÃIS PORTUGUESAS

Está à venda, refundida, ampliada, actualizada, a 4.ª edição de

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar, criar e tratar se adoecer
pelo DR. SAMUEL MAIA

Edição primorosa, com muitas gravuras e uma linda capa a côres

1 vol. de 368 págs., broc., **Esc. 15$00**, enc., **Esc. 20$00**
Pelo correio, à cobrança, mais 1$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

a 2.ª edição de a verdadeira história e vida da

SEVERA

(Maria Severa Onofriana)
1820-1846
POR **JÚLIO DE SOUSA E COSTA**

1 vol. de 208 págs., com uma artística capa a côres do pintor **ROBERTO SANTOS**, um retrato da Severa e uma gravura da casa onde ela morou, **Esc. 8$00**; pelo correio, à cobrança, **Esc. 8$50**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A saúde a troco de um quarto de hora de exercício por dia

O MEU SISTEMA

por **J. P. Müller**

O livro que mais tem contribuído para melhorar fisicamente o homem e conservar-lhe a saúde

EFICAZ E BENEMÉRITO

1 vol. no formato de 15 × 23 de 126 pags., com 119 gravuras explicativas

Brochado **8$00**; *Encadernado* **13$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O mais moderno dos Dicionários da língua portuguesa

DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA

PARA USO DAS ESCOLAS

Revisão ortográfica pelo DR. AGOSTINHO DE CAMPOS

1 vol. de 884 págs., magnificamente impresso e muito bem encadernado em percalina verde
Esc. 15$00
Pelo correio à cobrança, **Esc. 17$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
Rua Garrett, 75 — LISBOA

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEFONE: — 2 0535

1-AGOSTO-1939
N.º 827 — 14.º ANO

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

Editor: José Júlio da Fonseca — Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30 — LISBOA

PELO carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

AS COMEMORAÇÕES DO 14 DE JULHO EM PARIS

A França comemorou festivamente o 14 de Julho, chegando a afirmar-se que, com excepção das festas da Vitória, nunca, desde 1880, esta data foi celebrada com tanto entusiasmo e imponência.

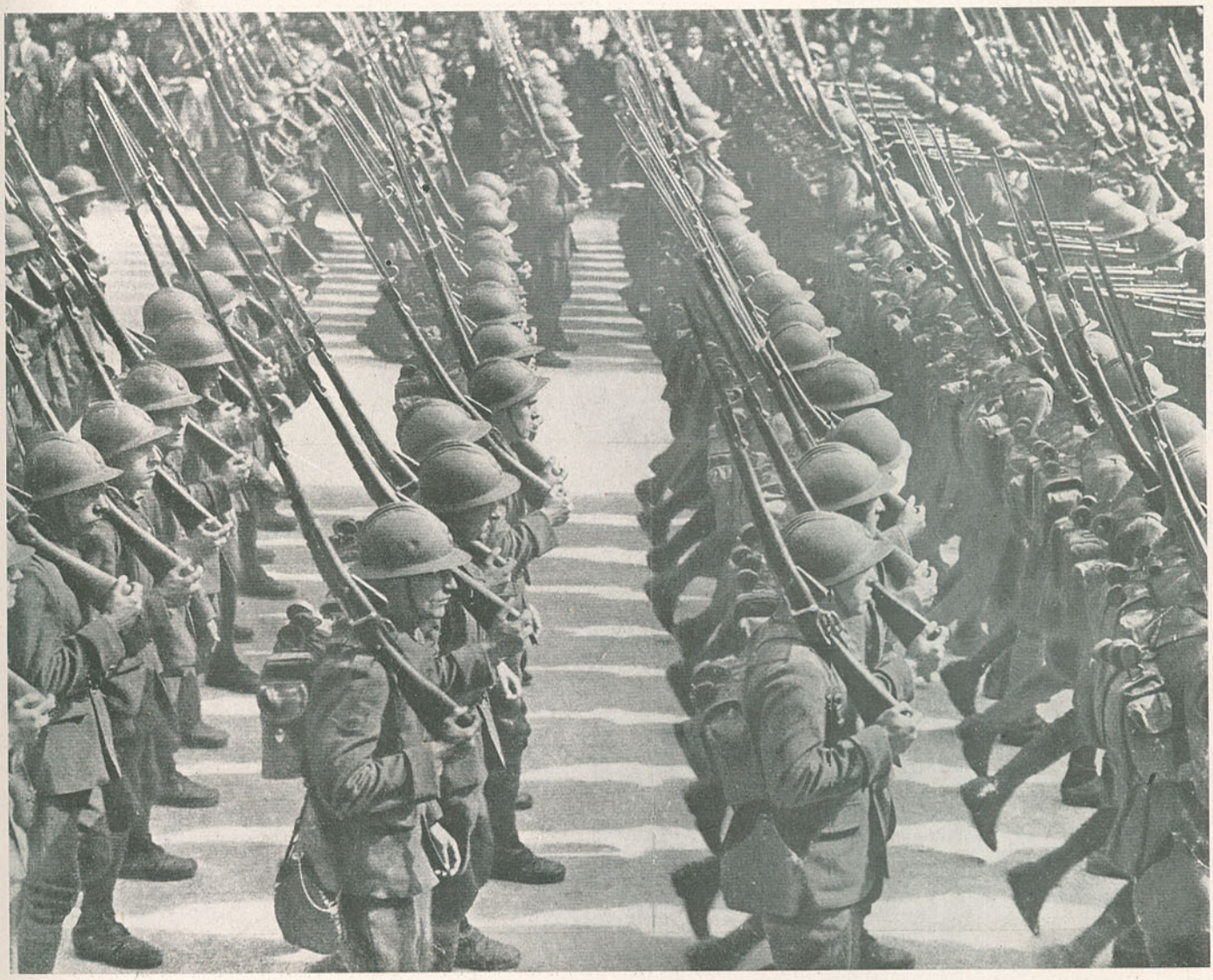
Cêrca de um milhão de pessoas aclamou delirantemente as tropas francesas e inglesas que desfilaram em Paris.

Numa mensagem radiodifundida e dirigida a todos os franceses, tanto da França como do Império e do estrangeiro, o sr. Presidente da República declarou:

«Há 150 anos os nossos antepassados conquistaram para nós a liberdade e a igualdade de direitos. No primeiro aniversário da tomada da Bastilha, no mesmo Campo de Março que se estende na nossa frente, confirmaram, em juramento livre, a sua eterna união à sombra da bandeira tricolor, seu símbolo e a sua inabalável resolução de defenderem a um tempo os direitos do homem e cidadão e a independência e a integridade da nação una e indivisível. A Assembleia Constituinte oferecera a paz ao Mundo. Mas, um dia, aqueles direitos e aquela indepencia viram-se ameaçados.

A «Marselhesa» perpetuará pelos séculos fora a sua altiva resposta. Continuemos a alimentar a chama que os animava. Neste aniversário memorável, associemos os nossos espíritos aos dos nossos antepassados. Herdeiros das suas virtudes cívicas, recordemos o juramento federativo de 14 de Julho de 1789. Que esta grande evocação nos dê a firme vontade de defender a pátria com todas as nossas forças, para que possamos manter e transmitir aos nossos filhos a Liberdade, a Igualdade e os direitos intangíveis do homem e do cidadão e permanecermos, finalmente, estreita e fraternalmente unidos numa grande comunidade, livre, generosa e forte».

«Unamo-nos todos neste dia — concluiu — para fazermos votos de um futuro feliz a todos os homens de boa vontade».



Um aspecto do desfile das tropas francesas e inglesas

NOTICIAS DA QUINZENA

No Congresso Eucarístico em Tomar. — *Em cima:* O sr. Cardial Patriarca ministrando a comunhão aos seminaristas. — Um aspecto da recepção ao sr. Cardial Patriarca em Tomar. — *Ao centro:* O sr. Cardial Patriarca caminhando para o altar, entre a multidão

O sr. governador civil, com os srs. presidente do Munícipio e director da Assistência, visitando a Escola Profissional D. Mária Pia. — *A' direita:* O sr. presidente da Camara Municipal, sr. engenheiro Rodrigues de Carvalho e vereadores dr. Formosinho Sanches, engenheiro Boaventura de Almeida Belo e dr. Veiga da Costa, visitando a exposição de gloxínias na estufa do Jardim Guerra Junqueiro, à Estrela

Ecos da Quinzena

O sr. Presidente do Conselho falando com o Chefe do Estado na inauguração dos serviços rádio telefónicos entre Lourenço Marques e Lisboa. — *Ao centro:* O sr. ministro das Obras Públicas falando com o seu colega das Colónias. A' sua direita, vêem-se os srs. eng. Vaz Pinto, administrador delegado da Marconi, e Carlos Pereira, presidente do conselho de administração da mesma companhia e à esquerda, o sr. engenheiro Duarte Calheiros, administrador adjunto dos Correios e Telégrafos. — *Em baixo:* O sr. ministro da Justiça e interino das Colónias presidindo à sessão solene comemorativa da chegada do Chefe do Estado a Lourenço Marques.

A GLÓRIA DUM VENCIDO

Generalíssimo Franco

PARA que bem se compreenda o motivo desta minha crónica, é preciso que eu diga que o que mais admiro num homem é o carácter.

A inteligência, é claro, também me seduz grandemente, mas fica, na minha estima, muito àquém do carácter.

A beleza, a fortuna e qualquer outra qualidade material, isso então não vale nada para mim, se são desacompanhadas dêsse dom que define o verdadeiro homem, o homem a valer, em tôda a sua integridade moral.

Um homem que foge ás suas responsabilidades, que se esgueira por travessas e bêcos, cosido com a parede, para evitar o encontro com um seu credor, seja a sua divida monetária ou de simples dedicação que êle não soube aquilatar no seu justo valor, representa uma quantidade desprezivel do seu sexo.

—•—

Não há nada que mais me entusiasme do que ver uma criatura que enfrenta qualquer situação corajosamente e que com igual coragem dá as mãos à palmatória, se errou, e reconhece que êrros teve.

É nobre, é grandioso a confissão dos nossos enganos, dos nossos actos mal pensados, e mais nos ennobrecêmos e maiores somos ainda, se não fugimos ao julgamento de quem tem direito a julgar-nos e, decididos e orgulhosos pela nossa atitude, esperamos tranquilos e resignados, a sentença que nos absolva ou nos condene.

Mesmo que nenhum aplauso estranho recompense a nossa coragem. basta-nos o prémio da nossa própria consciencia, que nos grita, satisfeita: — «É assim mesmo. Fizeste bem!».

Como mulher, entendo que não me devo meter em questões políticas. Só me interessa o bem do meu país e, duma forma geral, humanitáriamente, o bem de tôda a gente.

Como espectadora do que vai pelo mundo, observo, com a pouca ou muita inteligência que Deus me deu, os factos, estudo as pessoas, e ponho em tudo uma grande dose de alma.

É possível que também me engane ás vezes, nas conseqüências que tiro de casos e coisas, mas desculpa-me a vontade que tenho de aliviar a carga dos pezares que afligem a humanidade.

Há acontecimentos que me fazem vibrar de indignação ou de piedade, outras vezes de admiração.

Segui com interêsse a guerra de Espanha, e sofri com os espanhóis e com êles me revoltei por tanta crueldade.

Foi uma epopeia sublime, que há-de ter lugar à parte na história heróica dos povos.

Houve heroismo, naqueles que lutaram por um ideal sagrado e justo e venceram com a aclamação sincera de todo o mundo civilizado.

—•—

Franco, o caudilho invencível, talvez uma reincarnação do Cid, trouxe por ali fora, numa marcha formidável de fôrça e de destreza, soldados que o adoravam e seguiam como a um Deus, e tudo acabou numa rajada de glória.

Todos os que tinham olhos para ver e inteligência para compreender sabíam, mesmo de longe, que a Espanha havia de surgir da refrega mais linda e poderosa do que nunca.

Com o exército de Franco, venceu a fôrça e o direito, o que nem sempre se dá, nem mesmo nas comesinhas batalhas da vida.

E a vitória é muito maior, quando a razão, como agora, está ao lado do mais forte.

—•—

Em tôdas as lutas devemos olhar para os vencidos com piedade, quando êles nos combatem dentro da sua ideologia — boa ou má, que importa — sobretudo se na hora da derrota êles não fogem cobardemente e, antes, dão a cara à sorte que os espera.

É o caso de Julian Besteiro — o único homem que não desertou do seu posto ingrato e entregou Madrid nas mãos do generalissimo Franco.

Êsse homem podia ter feito como os outros, largar tudo, quando viu que nada podia contra as fôrças invencíveis da bôa-razão e pôr-se a salvo de responsabilidades.

Mas não. Ficou impávido, altaneiro e explêndido, fazendo face ás suas culpas, e pronto a responder por elas.

Foi um homem, na mais alta acepção da palavra.

Combalido pelo baque moral e pela doença que o minava, Julian Besteiro não arredou pé. Quis ser digno do homem que o venceu e que devia pedir-lhe contas dos seus actos.

Os homens devem medir-se uns aos outros, pela mesma bitola de dignidade e justiça e não devem negar-se mutuamente o seu valor.

Tenho a certeza de que Julian Besteiro, admira em Francisco Franco o militar brioso e valente, e que não se sente diminuido como espanhol por ser vencido por tão ilustre chefe.

Franco, por seu turno, como homem de coração e de honra, deve ter ficado impressionado pela atitude de Besteiro, que define um carácter e desenha um homem.

Embora as mulheres pouco pesem ainda na balança do critério universal, eu peço licença, ao grande caudilho de tôdas as Espanhas, para gravar, na minha lembrança, comovida por tanto heroismo, muito chegado ao seu nome glorioso e imorredouro, o nome de Julian Besteiro — o grande vencido.

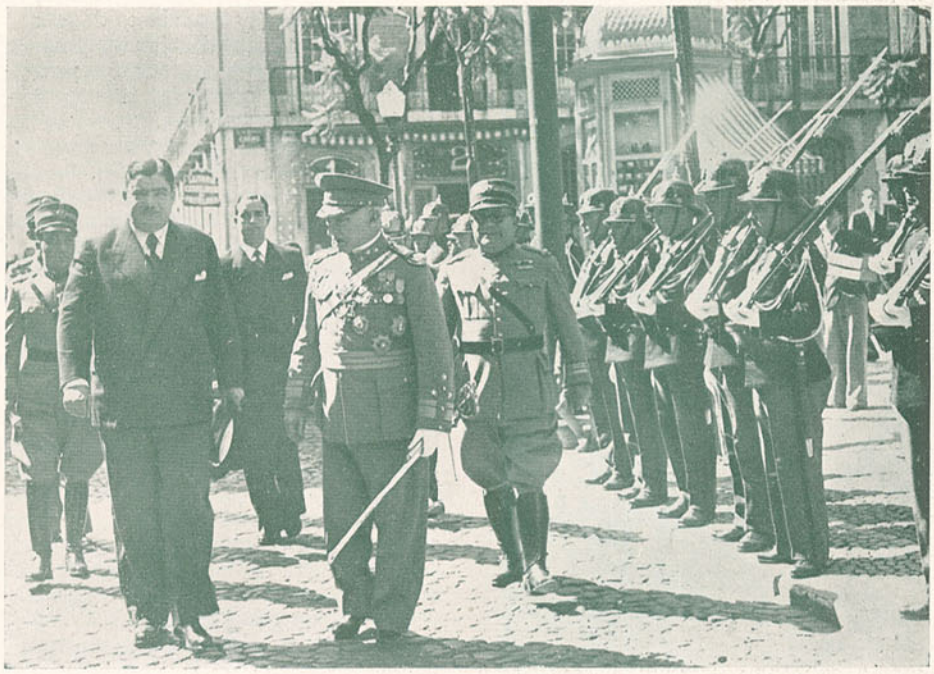
—•—

É o meu momento de vibração piedosa e admirativa, cuja exteriorisação a minha alma reclama, confundindo esses dois sentimentos no mesmo brado entusiástico.

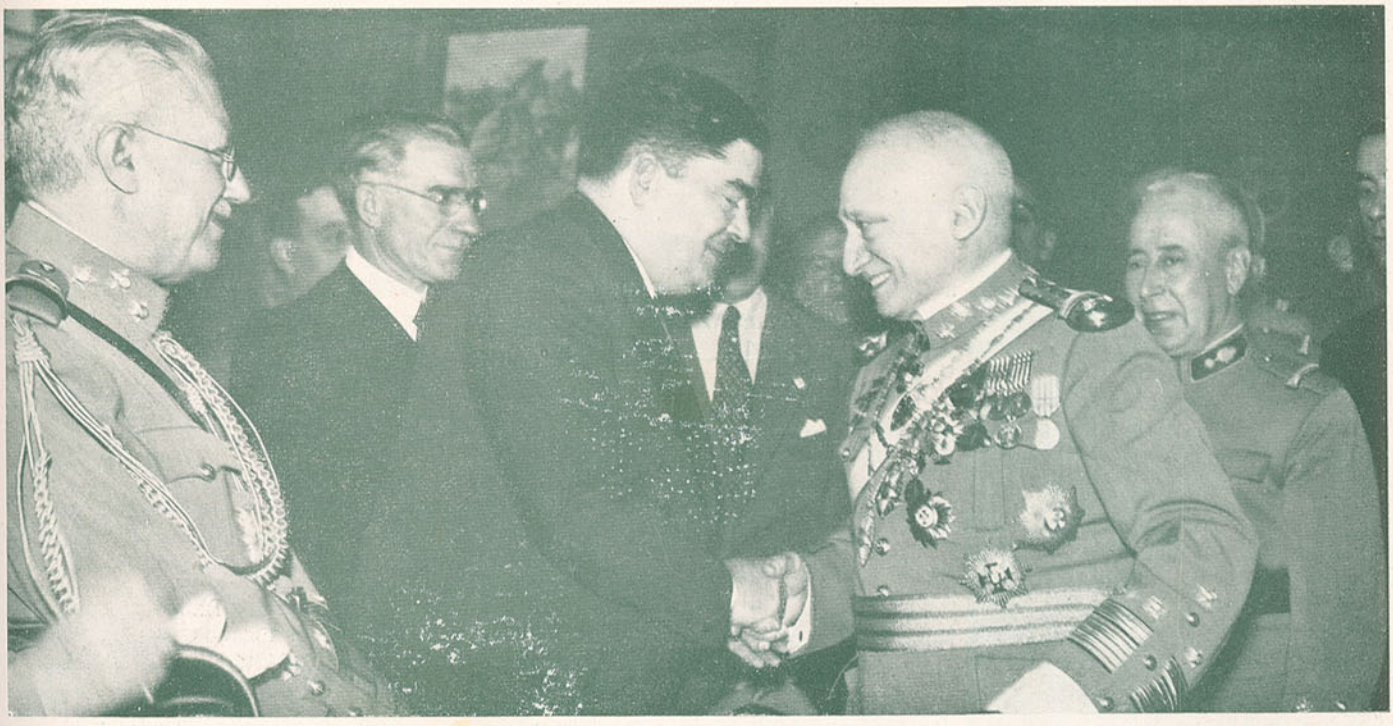
MERCEDES BLASCO.

Julian Besteiro

ACTUALIDADES DA QUINZENA



O sr. Ministro do Interior acompanhado pelo sr. general Farinha Beirão que deixou o comando da G. N. R. — *Ao centro:* O sr. Ministro do Interior, depois da imposição das insignias do Grande Oficialato da Tôrre Espada ao sr. general Farinha Beirão. — *Em baixo:* O ilustre artista Arnaldo Ressano Garcia com os amigos que lhe ofereceram um banquete de homenagem. — *A' direita:* A mesa que presidiu à sessão solene na Associação de S. M. dos Empregados do Comércio de Lisboa por ocasião da inauguração das suas novas instalações, vendo-se o sr. dr. Leite Duarte a discursar



NO IMPÉRIO DO SOL NASCENTE

Os legítimos direitos da mulher japonesa

Como a acanhada Madame Butterfly moderniza-se

As raparigas japonesas acordaram de um sono, que durou séculos e querem modernizar-se. São de parecer que não hão de ficar para sempre encerradas entre os quatro muros da casa paterna. O exemplo americano foi e continua a ser o estímulo, que as arranca às antigas tradições e as traz para a liberdade do ar livre.

Há pouco ainda era ela boneca envolvida em lindos trapos de seda, de um pitoresco ingénuo e encantador; hoje pôz de lado o kimono e o penteado à Madame Butterfly e deixou de ser o elemento decorativo de bilhetes postais.

Em compensação dirige aviões; advoga nos tribunais ou levanta a perna graciosamente nos *music-halls* de Tóquio. Banha-se com *maillot* de uma só peça, que dá a ilusão do nu e também, diz ela, porque assim tem os seus movimentos mais livres e além disso porque a diverte ofender os severos princípios da avósinha e, se a menina é verdadeiramente moderna, quando fôr chegado o momento em que entende que não deve demorar-se muito em contrair o sagrado laço do matrimónio, é ela própria que se encarrega de escolher o companheiro, que lhe ha-de convir para marido.

Muitos e vários são os elementos que contribuíram para converter a rapariga japonesa de flôr, que ao menor contacto se ruboriza, numa entidade feminina conscia do seu valor e fôrça.

Em primeiro lugar figuram aquelas mil e tantas inovações que, do ocidente, se infiltraram na vida japonesa; umas más, outras boas ou anodinas que vão desde a genial sinfonia de Beethoven até ao *stick* de carmim última perfeição que permite tingir os lábios sem que estes, ao oscularem, deixem de si o menor vestígio; o ritmo veloz da vida é hoje muito mais célere do que no tempo em que a mãe ou a avó foram meninas casadoiras e depois e acima de tudo está a guerra com a China que, absorvendo fôrças do lado do homem, obriga a mulher a desempenhar cargos anteriormente confiados ao homem.

Em breve ver-se-á a mulher do Japão exigir completa igualdade social e política com o homem e dêsse momento em diante realizar-se-á uma verdadeira derrocada de tradições e costumes respeitados durante séculos.

No entanto, o homem japonês, a-pesar-de tôdas as transformações a que assiste, continua a ser de opinião que a mulher tem de ser cuidadosamente separada em dois campos. De um lado a mulher-espôsa cujo dever é permanecer no lar, procriar, e, se pertencer ao verdadeiro tipo antigo, tem de afastar-se quando o marido recebe visitas de homens.

Ao outro campo pertence a antiga *gueisha*, muito aperfeiçoada com influências estrangeiras, cuja missão na vida consiste em tornar-se ornamento da própria vida e ajudar o homem sobrecarregado de cuidados, a esquecê-los.

Hoje no Japão, se o japonês convida amigos a jantar, é mais do que provável, que o jantar não se realizará nos penates do anfitrião, mas sim em uma das muitas e elegantes casas de *gueishas* da capital, onde, após várias libações de vinho de arroz, o jantar terá lugar na companhia de várias e lindas bonecas, que falam e seduzem. Durante o jantar, como são prendadas, hão de tanger algumas modinhas no seu instrumento predilecto, o *samisen*, e hão de gorgear, como rouxinois, suaves cantos clássicos. Se fôr necessário e se o convíva fôr de tendência intelectual, a *gueisha* pode discutir literatura e poesia com desenvoltura.

Em Tóquio há 12.540 *gueishas* distribuídas por localidades elegantes, freqüentadas por gente distinta. São os homens casados, dispondo de largos meios financeiros, que principalmente contribuem para o custeio desta instituïção; os homens de meios menos prósperos freqüentam apenas o café vulgar.

O costume não deve ser mal interpretado; nas casas das *gueishas* nada se passa de imoral; a verdadeira *gueisha* com talento é uma artista que pode ascender até às cumiadas do génio. A sua preparação exige bastantes anos de estudo nas escolas; tem de ser muito instruída em assuntos diversos e quando ataviada com os seus trajos de seda bordados, de tons suaves, e maviosos, a *gueisha* assume o aspecto de uma obra prima de arte cuja beleza se admira e respeita. A sua graça e encanto são extraordinárias. Na nossa civilização ocidental não existe a instituïção, mas no Japão a *gueisha* é como uma segunda espôsa; em conformidade com as tradições japonesas, o casamento dá lugar à vida de família e a espôsa verdadeira é a mãe que toma a seu cargo a educação dos filhos; é a garantia da continuïdade da existência dos antepassados, mas intelectualmente não tem de ser a companheira do espôso; êste, para entretenimento do seu espírito busca-o fora de casa e é exactamente contra êste estado de coisas que a japonesa moderna se opõe, porque se sente cônscia da sua própria individualidade. Sente-se emancipada, quanto a alguns aspectos da vida, e por isso entende que tanto pode ser mãe educadora dos filhos como companheira espiritual do espôso.

Para o casamento não entrava o amor romântico como factor de pêso, mas a novela sentimental do ocidente e o cinema foram infiltrações que estabeleceram novos pontos de vista a respeito do casamento. Segundo as antigas regras a japonesa aceitava por marido aquele que os pais lhe indicavam, sem discutir, e conformava-se com o seu destino. Se casava numa família de situação próspera, a vida, que se lhe apresentava, era agradável mas monótona, sem qualquer estímulo intelectual ou sentimental. Se conhecia e cumpria tôdas as praxes religiosas e presenteava o marido com uma prole suficiente, nada mais se exigia da espôsa. Camaradagem entre esposos não existia e só modernamente, seguindo o modêlo americano, se vê uma rapariga solteira de passeio ou de cinema, com um rapaz igualmente solteiro. Há poucos anos, ainda, rapaz e rapariga solteiros, de braço dado em passeio pela Ginza, que é o boulevard chique de Tóquio, seria causa de grande escândalo público com a correspondente demonstração populares.

Hoje por tôda a parte se encontra gente nova de ambos os sexos em alegre convívio: nos cinemas e teatros, ou que, no inverno, praticam os desportos de inverno e no verão, *camping*.

A invasão da mulher pelas profissões, que anteriormente eram exercidas só por homens, também lhes dá novas oportunidades para se encontrarem com o sexo opôsto. Os grandes escritórios e casas bancárias regorgitam de dactilógrafas e de secretárias dos gerentes.

Por tôda a parte se encontra a rapariga japonesa entregue ao trabalho, quer êste seja o de guarda de ascensor, quer seja a de ajudante de um grande cirurgião.

Tôda esta nova maneira de ser constitue um grande preparo para o casamento, muito diferente do antigo, e rapariga que tenha alguma vez gosado das vantagens que a liberdade oferece, dificilmente aceitará um lugar subalterno na união conjugal. E a *gueisha?!* Que será dela, quando a sua missão na vida já não tiver razão de ser? Terá então de permutar as suas sedas e kimonos sumptuosos pelo simples vestido *tailleur* da sua companheira moderna. *Ceci tuera cela?*

Foi após o grande terramoto de Tóquio que a japonesazinha começou a pôr de lado as suas custosas vestes, que arrastava pelo chão, para as trocar pela saia europeia, curta até acima do joelho. Nas grandes cidades do Japão, pelo menos cinqüenta por cento das raparigas vestem à europeia.

Nos grandes teatros de Tóquio predomina a revista musicada, posta em cena com grande esplendor. Entre os espectadores ainda se notam alguns dos antigos penteados japoneses, altos, endurecidos com goma adragante, que constituem pitoresco contraste com as raparigas, que se exibem no palco meias nuas. Apenas a orquestra separa umas das outras e no entanto parece que entre elas medeiam séculos de civilização.

É possível que a rapariga japonesa ao princípio se encontrasse pouco à vontade nos seus novos trajos, mas hoje veste-se com a elegância e desenvoltura das suas manas americanas e europeias.

As *nuances* que escolhem são sempre do mais apurado bom gôsto e as modas modernas sentam-lhes bem. Os próprios vestidos em abreviatura, segundo os modelos modernos, devem influír provavelmente na sua nova maneira de encarar a vida.

Mas, de repente, deu-se a metamorfose e começou uma nova era de espantosa independência feminina.

ADOLFO BENARÚS

FIGURAS E FACTOS

O presidente da Junta Central da Legião Portuguesa, o ministro da Marinha e alguns oficiais superiores, assistindo ao juramento de bandeira dos recrutas da Brigada Naval. — *Ao centro:* Um aspecto da cerimónia que se efectuou na séde do antigo quartel de marinheiros de Alcântara. Depois da continência à bandeira, ao som do hino nacional e da marcha do regulamento pelos ternos de clarins, o rev. Francisco Gonçalves, capelão da marinha, lançou a bênção aos estandartes da brigada, proferindo um patriótico discurso em que salientou o alto significado daquela cerimónia

Vidas íntimas é o título dum romance do novo escritor Edgar Marques. E' uma estreia, mas nem por isso deixa de ser um bom livro. Edgar Marques, dotado duma grande penetração psicológica, focou bem as suas personagens, deu-lhes vida e movimento nos mais pequenos pormenores. E', em suma, um livro que se lê com agrado e absoluta simpatia

A mulher portuguesa, à semelhança das mulheres das grandes nações, faz brilhar os seus recursos intelectuais. Temos mais uma doutora, a sr.ª D. Maria Carolina Martins Soares que acaba de licenciar-se em Direito, com alta classificação, após um curso verdadeiramente brilhante. Essa antiga lenda do «sexo fraco» acabou, como se vê

Gente de bem. Mais um livro de Assis Esperança... Bastaria dizer isto para se ficar calculando uma obra empolgante a prender-nos desde a primeira à última página. O nome do seu autor é a mais forte garantia de êxito, embora se contradiga a cada momento. Desde há muito que deixou de ser uma Esperança nas letras, para ser uma radiosa certeza

O FILHO QUE PERDOA

FERNANDA releu a carta, vagarosamente, procurando compreender os têrmos frios e ponderados que a abalavam toda, desordenando-lhe o espírito.

Que pretendia aquilo dizer? Não, não podia ser!...

E recomeçava, murmurando as frases cruas, com um tremor na voz, as lágrimas a perturbarem-lhe a vista, os soluços a estrangulá-la.

Sim! Era bem o que percebêra logo no comêço e tanto temêra; era quanto não podia acreditar se relembrava o rosto apaixonado do traidor.

Caiu-lhe o papel das mãos, começou a tremer, torceu as mãos junto do seio, e soluçou alto, por fim, perdidamente, gemendo palavras aflitivas, gritos despedaçados do seu coração ardido em chama de desoladora paixão.

E, maquinalmente, repetiu as expressões ali contidas, naquele papel mesquinho.

— «Negaram o seu consentimento... — Deves compreender que eu, um médico, não posso desposar uma costureira como tu».

— Mas pudéra desgraçá-la! — pensava — para o fazer, não precisara lembrar-se de que ela era uma costureira!

E havia coisas mais duras ainda:

«— O teu dever é ignorar daqui para diante que eu existo! Não tenho culpa do nascimento da criança! Tu o quiseste!»

— Era verdade! Ela desejára o filho, para melhor prender junto a si, na solidez do amor paternal, o seu sonho de ventura, num fatal presságio de abandôno certo!

Depois, êle dizia mais:

«Vou-me casar com rapariga da minha roda... Não te atenderei, mesmo que insistas... Adeus!»

— Ai! Adeus! Adeus...

E estava sózinha, sózinha para sempre, abandonada, sem protecção, com o filhinho de três anos, o pobre pequenino inocente e cândido, o frágil bébé de amor, — o herdeiro da sua desventura!

Que desgraça!

E abandonara ela os pais, santas criaturas que durante dezasseis anos a tinham feito tão feliz, fazendo-os morrer de vergonha e de dor...

Deus castigava-a! Era justo!

Mas, sentia-se tão pequena, mais infeliz do que culpada!

Responsavel, havia só um!

E êsse bem sabia que ela não fôra costureira toda a vida — e que o fôsse, tinha sido honrada, e isso valia tudo! — Mas deitara mão do trabalho, quando se vira com um filho nos braços, e a mesada do pai dêle não chegava para manter um lar.

E quanto se esforçara por ganhar, Senhor! E para quê?...

Para ser iludida, abandonada...

Doía-lhe o coração... parecia partir-se!

Estava bem castigada da sua loucura, da sua desobediência, da sua ingratidão. Preferia morrer, a levar essa vida de mágoas e vergonha!

Mas um vulto pequenino apareceu junto dela, duas mãozinhas papudas lhe brincaram no regaço, numa carícia imensa. Então, cobrou ânimo. Tomou o filho nos braços, apertou-o delirantemente ao seio, e contemplou-o. Bonito, loiro, gentil, era como que uma miniatura do sedutor. Tinha como êle os olhos rasgados, sonhadores, a bôca voluntariosa, a expressão afável!

E ela pensava sempre.

— A mãe *dêle* não queria semelhante casamento... no entanto, se visse a criancinha, talvez se apiedasse, talvez...

Ela não desejava a posição de António — Deus bem sabia que não — queria-o a êle, seu tesoiro, seu bem, seu coração, refúgio único de felicidade possivel! A felicidade do seu filhinho sem pai.

Ergueu-se.

Iria a Lisboa, de qualquer maneira, através de todos os obstáculos...

.....

D. Maria Margarida não podia compreender a causa de tão insólito ruído.

O marido enervava-se, olhando-a como se pretendesse explicações que a atónita senhora não podia conceder: António fervia de impaciência... ia tocar a campainha quando uma aparição o imobilizou de espanto.

Junto da porta estava uma rapariga muito pálida, quási esquelética, com uma criança nos braços.

Parecia agüentar-se em pé, por milagre, tanto cambaleava, como sacudida por medonhas vertigens.

D. Maria Margarida olhava-a, interdita, sem conseguir recobrar-se do espanto que sentia, e já as duas criadas, numa algazarra tremenda, apareciam a barafustar, a invectivar a pobre que, a despeito dos seus esforços, havia conseguido entrar.

Pretendêram arrastá-la, sacudindo-a, mas ela, sempre trémula, reagia em sobrehumana energia, como se misteriosa fôrça a pregasse no solo... O seu olhar procurava o do traidor.

Tinha o drama da sua vida escrito nessa angustiosa súplica.

E D. Maria Margarida, compreendeu tudo. A sua dignidade vibrou, a sua ternura apagou-lhe a voz que ergueu brandamente.

— Deixem em paz essa menina. Vão para a cozinha. E dirigindo-se à desventurada, disse:

— Entre, minha filha... diga-me o que a trouxe.

Fernanda entrou. Corriam-lhe as lágrimas pelas faces, na vergonha da sua desgraça junto dessa alma magnânima; arrependeu-se de ter vindo... desejou fugir para longe, para onde ninguem pudesse adivinhar quanto sofria.

Mas António precipitou os acontecimentos, preso duma cólera surda, que a ânsia de salvar-se mais exarcebava. Interpelou-a rudemente, procurando explicar-se perante os pais.

— Que vieste cá fazer? Dize... Miseravel!... Oiça mãe... Esta mulher viveu comigo, em Coimbra... e pretende dizer que a criança me pertence.

A pobrezinha encarou-o, aturdida. Por fim, tirou do seio um papel dobrado. António correu para ela, procurando arrancar-lhe êsse documento leal, mas o pai fôra mais àgil e conseguira receber dos frágeis dedos da infeliz o papelinho manchado de lágrimas.

Voltou-se severamente para o rapaz, confuso e lívido.

É uma terrivel palavra, ainda mesmo antes de ler essas linhas eloqüentes, tombou sôbre êle, como uma maldição.

— Criminoso!

Fernando chorava, junto do peito da pobre mãe, que também a custo represava os soluços.

António humilhava-se.

O desprêso e a cólera que se divisavam no rosto do honrado homem que assim envergonhava, impressionavam-no mais do que tudo.

Demais, o pequeno Antoninho cujos chilreios se haviam perdido na barafunda dos primeiros instantes, conseguiu deslizar até êle, e encostara-lhe aos joelhos a cabecinha terna, radiante de voltar a ver o seu *Papá*.

Quando o pai acabou de lêr, António perdera em absoluto a sua arrogância. Não parecia o mesmo.

Acabrunhado, caíu de joelhos, e abraçou o filho que tão criminosamente quisera abandonar.

Então, uma luz divina pareceu iluminar o desgraçado.

Apertou-o nos braços e murmurou:

— Meu filho, perdôa-me...

ODETTE PASSOS DE SAINT-MAURICE

Madame Du Barry

HÁ no Museu do Louvre uma aguarela, assinada por Moreau, o *Jóvem* que não é apenas uma aguarela como tantas outras, mas sim uma página de História.

É aquela em que o inolvidável mestre de *Les adieux, La Rupture* et *La toilette* e de muitas outras maravilhas de graça e de vida, fixou, pode dizer-se para a imortalidade, a festa dada a 7 de Dezembro de 1771, por M.me du Barry no seu palácio de Louveciennes.

Perante essa aguarela, que é muito mais viva, muito mais expressiva, muito mais dinâmica do que qualquer mesmo dos flagrantes instantâneos de hoje, eu senti saüdades — essas estranhas saüdades que o rei D. Duarte não previu, mas que por vezes acometem o nosso espírito — dos tempos que não conheci e teria desejado conhecer...

A sala dos festins de Louveciennes — a maravilhosa sala dos festins tôda branca e ouro dêsse encantador «palácio-*boudoir*» construido pelo arquitecto Ledoux, onde a arte, aliada à mais sumptuosa e requintada elegância, surgia a cada passo — aparece-nos em tôda a sua grandeza e esplendor na aguarela de Moreau, o *Jóvem*.

No teto pintado e guarnecido por uma riquissima cornija doirada, entre sedosas nuvens brancas, uma revoada de amores parece dançar uma farândola à volta de outras divindades alegóricas do Olimpo. Entre as elegantes colunas de mármore branco, rematadas por capiteis de bronze preciosamente trabalhados destacam-se baixos relevos emmoldurados de oiro onde pares de amores dançando fazem *pendant* com as armas unidas (*mariées*, como diz amorosamente a heráldica francesa) de Luís XV e de M.me Du Barry. Nas quatro tribunas, habitualmente reservadas aos musicos da orquestra privativa da condessa, debruçam-se grupos de elegantes damas e requintados gentis-homens.

Centenas de velas, elevando-se dos lustres e dos candelabros, sustentados por quatro soberbas figuras de mulher — obras de Pajou, Lecomte e Moineau — iluminam profusamente a sala e todos êsses fogos deslumbrantes reflectem-se e multiplicam-se na superfície dos enormes espelhos, que revestem o espaço compreendido entre as colunas.

Ao meio da sala, ergue-se a mesa sôbre cuja toalha de linho, duma deslumbrante alvura, cintilam cristais e lampejam pratas, duma riqueza absolutamente digna dêsse principe das magnificências que se chamou Luís XV.

Três ou quatro lacaios envergando uns, a libré de seda côr de cana, outros a de veludo carmezim, avançam para a mesa, trazendo, sem dúvida, os mais delicados manjares e os mais preciosos vinhos, afim-de servirem as grandes damas cobertas de sedas e resplandecentes de joias e os grandes senhores, não menos cobertos de sedas e resplandecentes de joias (alguns mesmo ostentam ao peito a fita azul da Ordem do Espírito Santo) que têm a honra de cear com o rei de França.

No primeiro plano, à esquerda, vê-se uma elegante *marquise*, tôda enfeitada, mosqueada e empoada, encher de amêndoas a mão dum pagensinho negro, vestido sumptuosamente de côr de rosa, à moda oriental.

Trenó de Madame Du Barry

É Zamora, o pagem querido da condessa, que o cria, educa e estima como filho.

Não estranhemos a excessiva amabilidade da bela *marquise*. O rei da Suécia não presenteava Dorine — a cadelinha predilecta da favorita real — com uma magnifica coleira de oiro cravejada de brilhantes?

Ao fundo vê-se Luís XV e a condessa du Barry.

A favorita real, cujo vestido, amplamente decotado, deixa mais do que adivinhar as formas adoráveis do seu seio de neve, ergue a cabeça com êsse soberbo levantar de cabeça de rainha ou de deusa, que lhe era peculiar e que o escultor Pajou tão admiravelmente reproduziu no seu busto célebre.

Joana du Barry levanta a cabeça, como que para responder aos cumprimentos dos seus convidados, ou por outra, dos seus cortezãos.

Cortezãos, sim, porque ela, é pela graça e pela vontade do rei, a quási rainha de França e de Navarra.

No Mundo, ainda então se realizavam contos de fadas, visto que Joana du Barry, tendo por única fortuna e único título a sua beleza, a sua mocidade e o seu espírito, conseguira ser amada por um rei e ascender, senão ao trono, pelo menos aos degraus do trono.

É que se estava ainda no tempo em

Pajou executando o busto de Madame Du Barry

A paixão e morte de Madame Du Barry

vítima inocente da Revolução Francesa

que os reis de França podiam acompanhar a assinatura das suas ordenações com a orgulhosa formula de Francisco I — *Tel est notre bon plaisir*.

Mas o sol da realeza entrou em declínio e acabou por se extinguir para sempre num poente sangrento.

O dilúvio previsto por Luís XV, que levado pela sua indolência e pelo seu egoísmo nada fizera para o conjurar, veio infelizmente e tôda essa brilhante sociedade se submergiu num mar de sangue, expiando assim os êrros e as faltas dos seus antepassados.

E a onda revolucionária arrastou também à sua passagem a condessa du Barry, uma das vítimas mais inocentes, pois apezar de durante anos ter detido nas suas mãos brancas, o ceptro das flores de lis, nem arrastou a França ao abismo nem à ruína como a precedente favorita — M.me de Pompadour — e, igualmente ao contrário dela, jàmais se serviu do seu dominio sôbre o espírito de Luís XV para perseguir ou encarcerar alguem.

* * *

E agora desviemos a vista da gravura que reproduz, embora bem palidamente, a deliciosa aguarela de Moreau, o *Jovem*, essa aguarela que constitui, como disse, uma página de História e olhemos essa gravura tão simples que representa, não uma página, mas um capitulo de História.

A gravura mostra uma porta baixa, armada com uma fortíssima fechadura e um enorme ferrolho e nada mais. Em suma: a vulgar porta de cárcere, comum em tôdas as antigas prisões.

Essa porta tão vulgar é, contudo, célebre porque é a porta do cárcere da Conciergerie, donde a rainha Antonieta saiu na manhã de 16 de Outubro de 1795, para subir na carreta fatal, que devia conduzi-la ao cadafalso.

Na madeira daquela porta Robespierre ou Saint Just, poderiam ter mandado gravar as palavras que Dante coloca na entrada do Inferno: *Lasciate ogni speperanza voi che'ntrate*.

Dali, realmente, apenas se saía para, transportada na carreta, ir ser pertença de Samsão, o carrasco de Paris...

Aquela porta abriu-se em Agosto de 1795 para dar saída à rainha e novamente se abriu em Setembro do mesmo ano para dar entrada à condessa du Barry, denunciada como suspeita perante a Convenção.

Quem a acusara junto da Convenção? Os cidadãos Greive e Zamora.

Zamora, o próprio intendente da condessa, o antigo pagensinho a quém ela educara como filho, fazendo-se pintar ao seu lado, mandando-o retratar por Van Loo, ordenando ao artista que lhe executava os trenós que esculpisse na dianteira dum dêles a sua cabecita negra e para quem, inclusivamente, pedira e obtivera uma pensão de Luís XV.

Tenho nas minhas mãos a cópia de todo o processo de Joana du Barry.

Só lendo semelhante processo é que nós podemos fazer uma idéia do que era êsse tribunal revolucionário, presidido por carrascos, que sob a égide da liberdade, se arvoravam em juizes.

Só lendo os depoimentos de Zamora, é que nós podemos fazer uma idéia da perversidade e da ingratidão humana.

De resto, é lê-lo e, depois de o haver feito, meditar e julgar.

«Hoje, dia 2 do mez de Frimario, do II ano da República, à uma hora da tarde, nós René François Dumas, vice-presidente do tribunal revolucionário instituído em Paris pela lei de 10 de Março de 1793 sem recurso ao tribunal de apelação, e ainda em virtude dos poderes delegados ao tribunal pela lei de 5 de Abril, assistido por Jacques Gaujon, escrevente do tribunal, numa das salas de audiência e na presença do promotor, fizemos comparecer a detida na prisão de Pelagia, a designada pelo nome de du Barry à qual preguntamos o seu nome, idade, profissão, logar de nascimento e morada.

«Respondeu, dizendo que se chama Joana Vaubernier, casada com du Barry, que tem quarenta e dois anos de idade, que vive dos seus rendimentos, que é

O busto de Madame Du Barry executado pelo escultor Pajou

Festa em Louceviennes em 27 de Dezembro de 1771 — aguarela de Moreau, o Jóvem

O pavilhão de Louceviennes

natural de Vaucouleurs, antiga Lorena e que reside habitualmente em Louveciennes, departamento de Seine-et-Oise.

«D. — Em que época é que principiou a frequentar a corte?

«R. — Em 1763 e continuei até 1774.

«D. — De que forma e à ordem de quem lhe foram pagas as quantias que dispendeu durante esses anos?

«R. — À vista de ordens de pagamento assinadas por Luiz XV. Beaujon, o banqueiro da corte, tinha recebido instruções do ministro Bertin para liquidar todas as despesas da minha casa mediante a apresentação de documentos de divida assinados por mim.

«D. — E' verdade que se serviu da sua situação para solicitar, e mesmo fazer conceder aos seus protegidos alguns dos mais importantes cargos do Estado?

«R. — Realmente, por vezes, influi um pouco nas nomeações que o rei fez.

«D. — Depois de 1774 teve relações com a corte de Luiz XVI?

«R. — Não entrei em comunicações com a corte senão devido ao facto de nessa época, devendo a soma de dois milhões e setecentas mil libras, pedi ao rei que me pagasse essa divida, mas, não recebendo resposta ao meu pedido, resolvi, em 1782, solicitar que os meus titulos de renda de 4 % me fossem convertidos em dinheiro, o que me permetiu com o milhão assim obtido e o produto da venda que fiz ao rei de muitas das minhas joias, pratas e quadros, liquidar uma parte da minha divida, da qual, neste momento, ainda me resta pagar cento e cinqüenta mil libras.

«D. — Como é que não podendo nessa altura liquidar as suas dividas, senão mexendo no capital, tem podido desde então fazer frente às suas despesas?

«R. — As minhas despesas não têm sido muito grandes; alem disso, ainda me restavam noventa mil libras de renda vitalícia na Camara de Paris, renda essa que foi adquirida com capital proveniente das dadivas de Luiz XV.

«D. — Qual era, em 1774, o valor dos seus haveres em joias, diamantes, quadros e moveis?

«R. — Não faço ideia nenhuma. Avaliei em 1.500.000 libras os diamantes que me foram roubados em 1791, mas esses diamantes eram apenas uma pequena parte daqueles que eu noutro tempo tinha possuido.

«D. — Depois da Revolução conservou relações com pessoas que tivessem pertencido à antiga corte?

«R. — Recebi em minha casa pessoas que haviam pertencido à corte, especialmente os Senhores de Brissac, Beauveau e outros mais.

«D. — Não recebeu em sua casa emigrados que houvessem regressado clandestinamente?

«R. — Não.

«D. — Observo-lhe que deu asilo a Laroche-Fontenille, sacerdote emigrado e agente dos inimigos da República.

«R. — De facto ele viveu num quarto em minha casa, desde o mês de Junho de 1792 até ao mês de setembro do mesmo ano; mas eu ignorava completamente que ele fosse um emigrado e que tivesse qualquer associação com os inimigos da República.

«D. — Correspondeu-se com os Calonnes, marido e mulher?

«R. — Não. Lembro-me apenas de ter recebido uma carta de M.me de Calonne, mas à qual não respondi.

«D. — E' verdade ter ido varias vezes a Inglaterra?

«R. — Fui lá quatro vezes.

«D. — Qual era o fim dessas viagens?

«R. — Tratar do processo relativo ao roubo dos meus diamantes.

«D. — Pode precisar em que datas regressou a França de cada uma das viagens?

«R. — Da primeira vez, parti a 17 de Fevereiro de 1791 e regressei a 2 de Março seguinte. Da segunda, parti a 4 de Abril e voltei no dia 12. Da terceira, puz-me a caminho a 14 do mesmo mez e achei me de volta a 14 de Agosto. Com respeito à quarta e ultima viagem parti a 14 de Outubro e regressei a 4 de Março ultimo. Fiz as três primeiras viagens com passaportes dados pela camara de Paris e pelo ministro Montmorin e a quarta com um fornecido pela municipalidade de Louveciennes e visado pela administração de Seine-et-Oise.

«D. — Devia ter conhecimento das leis contra os emigrados; porque motivo as infringiu?

«R. — Tinha, realmente, conhecimento dessas leis por intermédio do meu banqueiro, mas julguei que elas não me poderiam atingir, devido ao facto de eu ter partido, a fim de tratar dum assunto de meu interesse particular e munida dum passaporte absolutamente em regra.

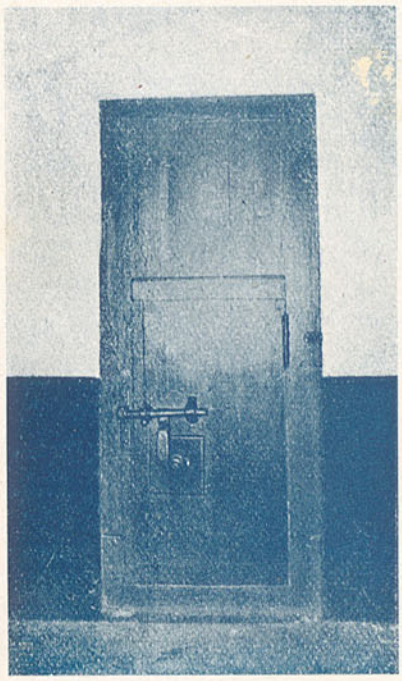
«D. — Deu-se ao trabalho de examinar as leis contra os emigrados logo que elas chegaram ao seu conhecimento?

«R. — Limitei-me a ouvir a opinião das pessoas da minha confiança. Estas asseguraram-me que em virtude dos meus passaportes, a dita lei contra os emigrados não me poderia ser aplicada.

«D. — Encontrou-se em Londres com os emigrados franceses? Quais foram aqueles que viu mais frequentemente?

«R. — Vi algumas vezes o Sr. de Crussol, o príncipe de Poix, o Sr. de Calonne e sua mulher, assim como Frondeville, antigo presidente do Parlamento de Rouen.

Luiz XV — retrato por La Tour



Porta da cela de Maria Antonieta

«D. — Não forneceu diferentes quantias a esses emigrados?

«R. — Entreguei a Frondeville vinte e quatro guineos mas ele restitui-mos passadas vinte e quatro horas.

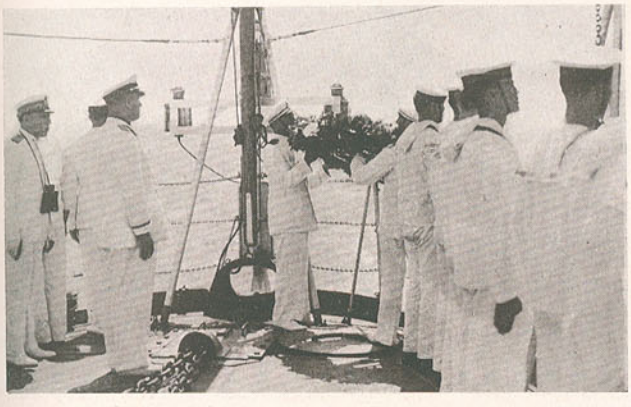
«D. — Que destino deu aos cento e trinta e quatro guineos que devia receber em Londres?

«R. — Encarreguei o antigo bispo de Dombes, Chauvigny, e a senhora de Crussol de receber cada um quarenta e cinco e um inglês de receber o resto; o dito bispo e a senhora de Crussol deviam remeter ao meu banqueiro as ditas somas; ignoro, todavia, se elas lhe chegaram ás mãos porque nunca mais ouvi falar em tal.

(continua) EUNICE PAULA

ALEM-FRONTEIRAS

O conde de Ciano e Serrano Suñer em Barcelona, após o desfile de 100 mil homens da Falange Espanhola



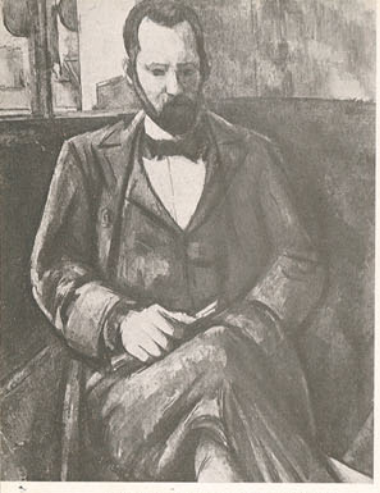
O conde de Ciano lançando ao mar uma coroa de flores em memória dos italianos mortos junto das Baleares

O generalíssimo Franco na sua última entrevista com o conde de Ciano, ministro dos Negócios Estrangeiros da Itália

Desfile das tropas inglesas na Praça da Concórdia em Paris por ocasião das festas comemorativas do 14 de Julho

Tropas coloniais francesas desfilando perante o Palácio do Eliseu, onde se encontra o Chefe do Estado

Tropas senegalesas na importante parada de forças efectuada em 14 de Julho na capital francesa



Retrato de Ambroise Vollard, por Cézanne

A PINTURA AVANÇADA

Como Arnaldo Ressano Garcia a vê e considera

ARNALDO Ressano Garcia é um artista de bom gôsto que sabe apreciar o que é belo, e dá às coisas o verdadeiro nome que elas devem ter.

Na tão formidável quão desassombrada conferência, subordinada ao tema *A pintura avançada,* que realizou na Sociedade Nacional de Belas Artes, Arnaldo Ressano caíu a fundo sôbre os actuais invasôres do «intrujismo», e exaltou a única, a verdadeira. a intangível Arte.

Entremeou a sua interessante palestra com alguns casos de desopilante farsa, extraídos dum livro que fez grande barulho entre os artistas em Paris, durante a estadía do conferencista ali. Chama-se o livro: *Memoires d'un marchand de tableaux,* e é da autoria de Ambroise Vollard, um velho traficante de quadros, judeu, grande admirador e amigo dos mais celebrados artistas da vanguarda. Faleceu há dias em Paris, vítima dum desastre.

Conta Ressano que o tal Vollard foi considerado um perspicaz negociante, conseguindo assim amealhar uma enorme fortuna, tôda ela à custa da loucura da Arte Avançada. Vendeu alguns dos mais avançados quadros a 150 mil e 200 mil francos, no tempo em que o franco ainda não estava desvalorisado.

«O seu gôsto estético — diz Ressano Garcia — pode ser avaliado analizando o seu retrato pintado por Augusto Renoir, quando êste, já velho, e desgraçadamente tão cheio de reumatismo, que não tinha acção nas mãos, e, só amarrando com uma fita os pinceis ao braço direito, conseguia trabalhar.

«Para êste retrato, Ambroise Vollard, que tem o tipo perfeito do agiota, obêso, bigode e barba comprida e mal tratada, calva reluzente, envergou um vistoso fato... de «saleroso» toureiro espanhol, cheio de alamares doirados e mostrando o torneado das suas pernas varicosas em finas meias de seda.

«Para completar a nossa impressão sôbre os seus gôstos e tendências, convém também observar outro retrato seu, pintado por Picasso, todo recortado, numa espécie de geometria cubista e pensaísta.

«Depois de se tomar, assim, conhecimento do fôlego artístico de tão preclaro cavalheiro, acha-se natural que o seu livro, seja, da primeira à última página, um hino de louvores à arte mais avançada do seu tempo, e um desprêso absoluto sôbre a restante.

Banhistas, por Cézanne

«Mas, como é dominado pela preocupação de se mostrar espirituoso e dotado de uma psicologia superior para o negócio em que enriqueceu, de vez em quando, arrastado pela vaidade, detalha de mais certos pormenores, e, inconscientemente, trai-se, dando-nos, nessas ocasiões, êle, o defensor insuspeito das maiores degenerescências, as mais eloqüentes, cabais e cómicas demonstrações da idiotía das mesmas».

Auto-retrato de Van Gogh e o retrato de Cézanne por Auguste Renoir

Seguidamente, Arnaldo Ressano passa a transcrever, quási à letra, algumas das páginas do livro de Vollard:

«Um coleccionador escreveu a Vollard, pedindo-lhe um *pendant* para uma tela cubista que, em tempos, lhe comprára, e na qual reconhecera uma *païsagem de Castela;* e, para o elucidar, mandava-lhe a respectiva fotografia, acrescentando que nunca tinha visto ser traduzida tão perfeitamente a atmosfera daquela região.

«Vollard apressou-se a avisá-lo de que o referido quadro, que lhe vendera e de que lhe mandára a fotografia, não representava uma païsagem, mas um *Homem tocando viola!*

«Quando esperava os agradecimentos por esta lição sôbre a interpretação de tão boa pintura, o que recebeu foi a tela, recambiada...»

Outra mais:

«Vollard fez uma exposição de obras de Cézanne, em que figurava uma tela de ar livre, representando umas mulheres nuas ao pé de um personagem que, pela sua atitude, se podia tomar por um pastor. A tela tinha sido colocada precipitadamente numa moldura que servira a outro quadro, e de que se tinham esquecido de retirar o seu antigo letreiro, o qual dizia: *Diana e Acteon.*

«Nas críticas dos jornais, o quadro foi descrito como se representasse, na realidade, o banho de Diana. Um crítico de arte elogiou mesmo a nobreza da atitude da deusa, e o ar púdico das virgens que a rodeavam.

«Principalmente, admirava o gesto de uma que, à entrada de uma clareira, estendia o braço para dizer: «Vai-te!» E acrescentava: «Reconhece-se bem nêle o gesto irritado da virgem ofendida».

«Este quadro agradou muito a um dos clientes de Vollard, que lhe disse:

«— Se eu não tivesse já um magnífico quadro representando *Diana no banho,* de Tassaert, eis uma tela que tomaria o caminho da minha casa.

«Pouco depois dêstes acontecimentos, pedem a Vollard, para uma outra exposição, uma *Tentação de Santo Antão,* do mesmo Cézanne.

«Vollard prometeu, mas não pôde cumprir, porque, entretanto, havia vendido a tela desejada.

«Expediu, em seu lugar, o mesmo quadro que já fôra tomado pelo pretendido *Diana e Acteon.* Porém, à cautela, para não se repetirem as confusões, retirára da moldura o antigo letreiro. Mas, como esperavam uma *Tentação de Santo Antão,* foi, sob êste título, que o quadro figurava no catálogo já impresso. Por êste motivo, uma revista descreveu a obra como se se tratasse verdadeiramente de uma *Tentação de Santo Antão.*

«No mesmo lugar onde tinham elogiado, precedentemente, a atitude tão nobre de Diana, o crítico de arte da revista descobriu um sorriso tentador e pérfido de uma filha de Satan. O gesto de indignação da tal virgem era transformado num convite sedutor. O pseudo Acteon tornara-se num macerado Santo Antão.

«No último dia da exposição apareceu o amador que havia analizado e recusado aquêle mesmo quadro, por já ter outro, quando êle fôra baptizado de *Diana e Acteon.*

«Trazia na mão a revista atrás citada, e triunfante exclamava:

«Acabo de comprar esta *tentação.* É de um realismo impressionante!

«E quando Vollard contou isto a Cézanne:

«— Mas o meu quadro não representava coisa alguma... eu apenas procurei traduzir certos movimentos.»

Outra ainda:

«Um holandês desconhecido apresenta-se no estabelecimento de Vollard, e, visivelmente excitado, encomenda-lhe uma série de trabalhos de Steilen.

«No dia seguinte, volta com a mesma excitação, paga aquêles e compra também outros de Maurin, deixando uma encomenda numerosa de mais quadros dêste mesmo pintor.

«Maurin satisfez prontamente esta enorme encomenda, para mais que não o assustava o número de quadros a pintar porque tinha descoberto um processo de produzir, em série, com a maior velocidade: desenhava ràpidamente os contôrnos, e depois, com uma espécie de pulverisador da sua invenção, projectava tintas sôbre o desenho... Pintura à pistola!

«Mais tarde, o mesmo holandês torna a aparecer, e compra uns poucos de trabalhos de Van Gogh e mais trinta de Cézanne.

«Depois disto, Vollard nunca mais o viu.

«Alguns anos mais tarde, um outro holandês, de passagem em Paris, no decorrer duma conversa com Vollard, diz:

«Nós temos, lá na Haia, um rapaz, cuja história não é vulgar. Como fugia das pessoas e não falava a ninguém, adquiriu a reputação de um espírito profundo. Seus pais confiaram-lhe então a sua fortuna para êle a administrar. Depois de uma larga estadia em Paris, voltou à Holanda com caíxotes cheios de quadros e sem um florim na algibeira. Submeteu-se as suas aquisições a peritos. Estes foram unânimes em declarar que, se no lote, os quadros antigos, verdadeiros ou falsos, demonstravam simplesmente um perfeito ignorante, em compensação, as telas modernas não podiam ter sido compradas senão por um doido. Tendo-se consultado alguns médicos alienistas, o rapaz foi internado.

«Vollard perante esta descrição, reconheceu o seu cliente holandês.

«Era êle, com efeito. Quando se deu a morte desta singular personagem, cêrca de dez anos mais tarde, os seus parentes apressaram-se a liquidar todo o «stock» de telas, nas quais a lei não permitira tocar durante o internamento do doido. Na ocasião da venda, um Van Gogh ultrapassou trinta mil francos. Os Cézanne haviam sido postos de parte, com receio de assustar o público. Quando se atreveram a mostrá-los, os maiores coleccionadores disputaram-nos.

«Esta notícia espalhou-se e escaldou por tal forma as cabeças, que muitos começaram a acreditar que os loucos tinham um instinto especial para descobrir a pintura que rendia dinheiro. Com esta ideia reüniu-se capital, constituiu-se uma sociedade e foi escolhido um maluquinho que se expediu para Paris, acompanhado por um delegado encarregado de comprar os quadros que o louco designasse. Mas êste mostrou pela pintura uma tamanha indiferença e recusou-se tão energicamente a visitar qualquer exposição, salão ou atelier, que se teve de renunciar a prosseguir na experiência».

Um retrato por Van Gogh

Ressano Garcia prestou um grande serviço à Arte, e, embora as suas verdades erguessem protestos de alguns vanguardistas — poucos felizmente — o ilustre artista foi homenageado pelos seus amigos e admiradores que desta maneira lhe patentearam a mais franca e entusiástica adesão ao seu desassombro.

O Mestre e os vendilhões — portrait charge *de Ressano Garcia, por Morais Sarmento*

«Camponeses» — Do Presépio da Basílica da Estrêla

«EM REDOR DOS PRÉSIOS PORTUGUESES»

Excerto duma [illegible] em preparação

Os presépios portugueses do século XVIII dividem-se todos em três ou quatro grupos distintos, pelo menos: — o do *Presépio* propriamente dito, talqualmente no-lo conta a História, isto é, a *Adoração* da virgem, de S. José e dos Anjos ao menino recém-nascido, com a assistência dos do isanimais domésticos; o dos pastores e doadores comovidos que se juntam a essa Adoração ora de joelhos ora de pé, respeitosos e formando alas laterais, numa fastamento tímido e algo de cêna; o dos cortejos e cavalgadas, com os Reis Magos na frente ou a meio da comitiva, no geral imponentes e ricos como convém ás suas majestades, com indumentárias e gualdrapasias orientais, que tanto brilho dão aos cavalos e aos camelos, quando não tambem a elefantes; e o dos episódios pitorescos do século e de sabor popular quási á parte, como a matança do pôrco, os magotes de romeiros arranchados em comesainas, as burricadas, os galanteios das fontes e as usanças de arraial e de pastoris folgares, havendo de incluirmos nêste grupo alguns de motivo cristão, mas aos quais os barristas imprimiam aspecto popular, como a Anunciação aos pastores, a Fuga para o Egipto, a Degolação dos inocentes, a Disputa entre os doutores, o acto da Circuncisão e outros mais.

Estes três ou quatro grupos têm características notáveis muito àparte, como têm situação distinta de situação no quadro, proporções exigidas pela perspectiva convencional dessa mesma situação, graças de composição bem diferentes, e sempre particularidades de execução escultórica, revelando cada presépio, portanto, o génio de quatro excelentes escultores especialisados, sujeitos apenas á disciplina imposta pelo autor do risco geral, que é sempre um dêsses escultores e porventura quem modela o grupo central do presépio, com as inerentes composições celestiais da *Gloria,* que sobrepõe as arquiteturas arbitrárias, separando a gruta do restante quadro de colinas, estra[illegible]

«Fuga para o Egipto» — Do Presépio da Madre de Deus

Dos principais presépios existentes em Lisboa, e recantos, assim como dos grupos de A[illegible]estacamos um bloco, pelo menos de cinco, pela tocadores e cantores, que completam aqua relativa unidade de composição e de técnica Glória em redor do berço do Menino Jesus. os modelados, com grande aproximação nos

Além dêstes quatro grupos e dêstes quiscos do quadro geral e com nítido parentesco na artistas bem definidos, há outros secundá[illegible]xecução dos personagens dominantes: — o da guiados por anedóticas concepções, obra de mes[illegible], o da Estrela, o de Belas, o de S. Vicente e importância e anónima. Há também os pinto[illegible] pequeno do Desagravo. Diferençando-se quanto estofadores e encadernadores em cada presépio, sujeitos á direcção do mestre do quadro.

As cenografias dos fundos, as arquitecturas, os pormenores dos torrões, etc., são obra dêsses artistas ajudantes.

Exemplifiquemos os casos de escultura, porque são os principais e os que maior exame reclamam.

Do estudo comparativo que a «Exposição dos Barristas Portugueses» facilitou, algumas conclusões tiramos e subsídios para identificações que a crítica de arte anseia.

Ocupemo-nos sobretudo dos presépios, visto o século XVIII, em Portugal, ter neles um padrão notável, a par da estatuária dos palácios e das igrejas, dos chafarizes e carroças, no geral lavrada por grandes escultores que ao mesmo tempo eram grandes barristas. A série de pequenas estatuetas em barro encarniçado, que o Museu das Janelas Verdes possue, é o melhor documento, em parte autenticado por ser composta de estudos para mármores conhecidos, do que afirmamos.

Presépio de casa particular — [illegible]do dr. Eduardo Pinto da Cunha)

possivel na estrutura original que cada um requeria, com engenhos simples ou complicados consoante os tamanhos e destinos seus, guardam nos motivos de primeira evidência e nos de simbologia cristã ou nos de pitoresco popular, uma incontestável personalidade, que atribuímos com convicção a um único Mestre: — Joaquim Machado de Castro. Temos em nosso auxílio, embora dêle, por princípio desconfiássemos quando iniciámos os nossos exames, a voz corrente duma tradição já antiga, os escritos de pessoas dadas ao amôr dêstes presépios e uma simples marca no primeiro dêles.

O da Sé está assinado por Machado de Castro. A tradição oferece os restantes ao mesmo artista, como lhe atribue muitos outros que não são do seu engenho nem dêle tiveram qualquer colaboração ou sequer influência. Se outras provas para comparações não fôssemos buscar à obra de estatuária de Machado de Castro, nas igrejas e nos palácios, servir-nos-ia de base para encontro de palpites ou sugestões, aquela assinatura. Preferimos, todavia, cotejá-los em parcelas e depois em conjunto, analizando grupos, composições parciais, figura por figura, formas, movimentos e coloridos, na expressão particular de cada quadro para os incluir numa caracteristica total e honestamente equilibrada, que atesta serem todos idealizados por um só Mestre. Levamos as nossas curiosidades às minúcias do desenho e dos pormenores das indumentárias, dos instrumentos, dos adornos e das notas líricas que saltitam na païsagem geral, fixando estilos em cada um dos três ou quatro grupos que compõem todos os presépios portugueses, e anotando as côres predominantes nestes cinco, sobretudo nos grupos centrais que cercam o Menino Jesus — rosa pálido, azul celeste e alvuras sem contrastes — afora o esmaecido das carnações.

Confrontando então determinadas figuras de anjos orantes ou alados, que além da Glória da majestade completam o ambiente da cêna do Nascimento, os seus modos graciosos de elegantes meneios de dança, o sistema artificial no quebrar dos panejamentos e o jeito precioso de falar por gestos, com os movimentos e características das estátuas autênticas do antigo discípulo de Manuel Machado, em Coimbra, e depois modelador em Mafra; e servindo-nos pela proximidade propícia dos citados barros-estudos que pertencem ao Museu, concluimos, em apoio das versões, que o Mestre do traçado dêstes cinco presépios foi Machado de Castro, como foi êle quem modelou todos os grupos da Família Sagrada e os anjos mais próximos da manjedoura, assim como as composições das Glórias, formando o centro luminoso e cristão daqueles cinco quadros de género variado.

Dizem as famas que os presépios das casas dos condes de Sobral, em Almeirim e dos Condes de Porto-Covo, em Lisboa, eram igualmente da sua autoria. Não tivemos a sorte de conhecer êstes, mas como sabemos do constante labor das oficinas e escolas dirigidas por Machado de Castro, para mais freqüentadas pelos melhores barristas do tempo, acreditamos que nêles e noutros ainda o seu génio se tivesse espalhado, o que motivou o desenvolvimento da lenda alastrada por todo o país, de ser ele o autor da maioria dos presépios, maquinetas e simples imagens de barro policromado, arquivadas nas colecções particulares, muitas das vezes inferiores, mas que a etiqueta da lenda favorisa aos olhos dos leigos.

Machado de Castro não foi sòmente o inventor, mestre das obras gerais daqueles cinco presépios, com direitos de armar e arranjar tudo segundo a sua concepção disciplinada e culta, e até de tocar nesta ou naquela figura modeladas pelos seus escolhidos colaboradores: foi também — repetimos — o autor da parte sacra e de maior importância, que forma o eixo das Adorações nas lapinhas de Belém. É notável a variedade de posições e movimentos dessas figuras, fugindo aos cânones estabelecidos pelos outros coroplastas portuguêses, ora sentando a imagem da Virgem, ora erguendo a de S. José, ora dando ao grupo o ar repousado duma festa íntima, com anjos que parecem brincar em frente do Menino, guardando contudo uma indiscutível personalidade, para mais no colorido branco e mavioso usado nas galas das igrejas.

Há como que uma vivificação convencional, que se acrescenta na variedade dos motivos laterais, situados em acidentes da montanha, com anedóticos quadros da região, que lhe é muito particular nos desejos de naturalizar as imagens.

DIOGO DE MACEDO.

«Fuga para o Egipto» — pormenor de presépio (Pertence a Cardoso Pinto)

Maria Walewska — por Gérard

SONHO DE UMA NOITE POLACA

OS AMORES DE MARIA WALEWSKA E A ÚLTIMA AMIGA DE NAPOLEÃO

O fim da sua vida — as núpcias com Ornano

NAPOLEÃO foi o maior génio militar dos últimos tempos, está dito e redito.

A-pesar-da escravidão a que submeteu, embora durante escasso tempo, todos os povos, procurando dominar o Mundo, e numa ambição desmedida, fazer da França o centro do seu império universal — a verdade é que nós esquecemos a sua tirania, as usurpações e arbitrariedades contínuas, para nos extasiarmos ante a sua incomensurável figura de estratêgo. Enorme ela é com efeito, sobressaíndo tanto, que só é comparável à de Alexandre da Macedónia, êsse imperador antigo que, a-pesar-de morto aos trinta e dois anos, mereceu o cognome de *Grande* pela vastidão territorial que conquistou e pelas sábias manobras e resoluções com que sabia conduzir-se à vitória.

Buonaparte, filho humilde da Córsega, transformado pela inteligência que possuía, pela audácia de que era dotado e pelo muito saber, conforme ao muito que estudou, em general aos vinte e quatro anos, primeiro consul aos trinta e um e imperador apenas quatro anos depois, enche só por si todo um capítulo, e talvez o mais brilhante, da história contemporânea.

Tal figura despertou, como é natural, a atenção dos escritores e estudiosos, e é impossível hoje precisar a bibliografia do Corso. São milhares e milhares de volumes, tratando da vida de Napoleão em todos os aspectos e pormenores.

Mas o certo é que, a-pesar-de tantos rios de tinta terem corrido, ainda no presente estão a aparecer novos elementos que vêm derramar luz em certos pontos da vida do grande general ou sôbre as pessoas que com o Imperador privaram — o que indirectamente se vem reflectir sôbre êle.

Das muitas aventuras amorosas que enxameiam a vida de Napoleão, distingue-se, porque foi das mais duradoiras, a ligação com a condessa polaca Maria Walewska.

A história dêstes amores conta-se em meia duzia de palavras, tanto mais que ela é geralmente conhecida através do filme que, magistralmente desempenhado por Greta Garbo e Charles Boyer, respectivamente nos papéis da condessa polaca e do genial conquistador, reproduz, com mais ou menos exactidão, êste episódio da vida de Buonaparte.

Napoleão atravessando o Monte de S. Bernardo

Chegado a Varsóvia no desenvolvimento da campanha contra a Rússia, a nobreza polaca recebeu Napoleão com demonstrações do maior respeito e submissão, esperançada em que o general eminente satisfizesse as legítimas aspirações dos polacos, restaurando o reino que as mãos rapaces da Prússia, da Áustria e da Rússia haviam retalhado e dividido entre si. Buonaparte mostrava-se pouco inclinado a satisfazer os desejos dos nobres senhores poloneses.

Uma noite, durante um baile dado em sua honra, em que as damas («vestidas à moda de Paris», como Napoleão escreveria à sua espôsa Josefina) tentavam à porfia conquistar as simpatias do Imperador, êste notou uma jóvem, esbelta, com uma fulva cabeleira e uns lindos olhos azues, muito elegante, duma beleza sedutora. Ao contrário de tôdas as outras procurava passar despercebida, e a sua modéstia, junta à formosura de que era dotada, despertou as atenções de Napoleão.

Procurou imediatamente informar-se de quem era esta tão simpática loirinha.

Obsequiosamente o informaram: Tratava-se de Maria Laczynska, que havia casado há quatro anos — contava então vinte e dois — com Anastácio Walewski, velho conde polaco, que podia ser já seu pai e que a adorava.

Napoleão Buonaparte pensou desde logo seduzir a jóvem condessa, mas deparou-se-lhe, inesperadamente, uma resistência a que, nas suas proezas de conquistador do Mundo, não estava habituado.

O general Duroc foi o mensageiro do César, prestadas já as suas provas, com óptimos resultados, em missões semelhantes. Mas desta vez, foi, porém, mal sucedido.

Sua Majestade, despeitado, tomou como caso de prestígio pessoal a conquista de Maria.

Insistiu, reiterou as suas declarações amorosas, choviam as cartas de ternura e de protestos de amor infindo, mas a condessa conservava-se firme como uma rocha na sua recusa.

De repente, acedeu: os patriotas, vendo o interêsse de Napoleão, tinham-na decidido a sacrificar-se em holocausto à pátria; ela era a última esperança duma Polónia livre.

Walewska entregou-se sem entusiasmo, cumprindo apenas a obrigação que se tinha imposto. Napoleão, também, pensava apenas juntar mais uma aventura às conquistas amorosas que já contava, e nada mais.

Mas conheceram-se melhor, e o contacto sexual transformou-se em paixão ardente que os enebriou.

Três semanas no castelo de Finckenstein cimentaram em amor profundo o que tinha sido primeiro um capricho de homem e depois paixão abrazadora.

O general regressou e a condessa seguiu-o.

Esteve primeiro no palácio encantador de Schoenbrunn, mal pensando o Imperador que tão linda moradia havia de ser a gaiola dourada contra as grades da qual se quebrariam tôdas as arremetidas do duque de Reichstadt, o infeliz Franz, o rei de Roma, seu pobre filho, que ali viveu até à sua morte, ocorrida quando contava pouco mais de vinte anos.

Dali Maria foi para Paris.

A águia imperial saíra moribunda dos campos portugueses, encharcados de um Sol radioso que empanou para todo o sempre o brilho da estrêla napoleónica.

Do conúbio com Napoleão tivera Maria já um filho, Alexandre José. Era o seu segundo filho, pois do consórcio com o conde que lhe dera o título houvera um fruto, António, que viria a falecer aos dezasseis anos.

Napoleão e Maria Luiza

Napoleão instalou a amante em Paris, rodeando-a, e ao filho, de todo o conforto e carinho e provendo ao futuro dêste.

Mas os revezes continuavam, a águia ia expirar. A seguir às derrotas que recebera nos campos da Península Ibérica e de que saíra mal-ferida, o golpe fatal ser-lhe-ia dado com a abdicação de Fontainebleau.

Os «Cém Dias», Waterloo, não seriam já mais do que o estrebuchar da altiva águia nas vascas da morte.

Como o havia acompanhado nas horas felizes, Maria não abandonou o seu bem-amado na desgraça: lá esteve no Castelo de Fontainebleau, sem que conseguisse ser recebida pelo que acabava de abdicar, pelo que pouco tempo antes era o orgulhoso Imperador dos franceses e agora não passava dum pobre exilado a quem — amarga ironia! — se dera a soberania da pequena ilha de Elba, mísera consolação para o que tivera o continente a seus pés, subjugado pela sua espada vitoriosa.

A condessa, acompanhada do filho adulterino, foi à Ilha de Elba visitar o homem que não esquecera. Lá passou dois dias com êle. Depois, novamente regressou a França.

Após a derrota de Waterloo, que pôs fim aos «Cém Dias» do novo govêrno napoleónico, Maria compreendeu que Napoleão estava perdido para sempre, como político e para ela.

Tinha vinte e cinco anos e era viúva, pois o conde de Walewski falecera de dôr e vergonha perante a conduta da espôsa.

As propostas de casamento não lhe faltaram, notando-se, pela sua insistência, o general de Ornano.

E até à pouco apenas se sabia mais que, acedendo aos seus galanteios, Maria Walewska casara com o militar, falecendo porém pouco depois do novo matrimónio.

É possível agora reconstruir a última parte da vida da grande amorosa, graças aos estudos do sr. H. Heuse, de que vários jornais franceses nos dão conhecimento.

Filipe Augusto de Ornano era descendente duma família corsa, e, fazendo parte do exército francês, distinguira-se em Auterlitz, em lena e na Espanha, alcançando ràpidamente o pôsto de general de brigada. Novos actos de heroísmo em Moscovo, durante a campanha da Rússia, valeram-lhe ser promovido a general de divisão, pôsto que ocupava à data do desterro do Imperador.

Aderindo sem hesitações ás novas ideias e ao novo govêrno de Luiz XVIII, passou, no alto pôsto que lhe não retiraram, a comandar o corpo real de dragões.

Privando com o imperador, Ornano conhecera muito bem a amante de Sua Magestade, com quem até dançara, várias vezes, nas recepções e festas dadas no Palácio das Tulherias por seu amo.

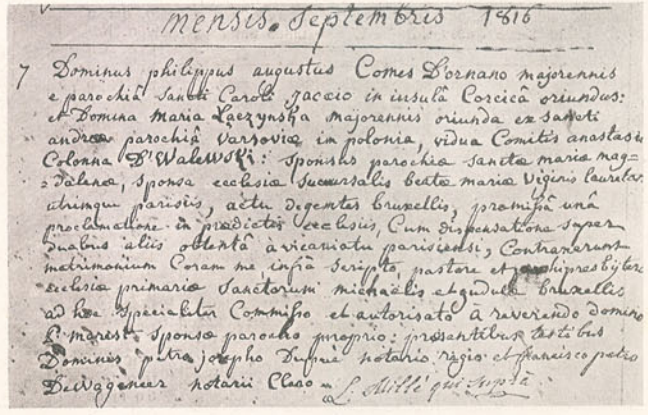
Mas como outrora Napoleão havia sido mal sucedido nos galanteios que lhe endereçara, assim também as diligências do general para conquistar o coração de Maria Walewska se mostravam infrutíferas. A tôdas as declarações de Ornano, se recusava Maria formalmente a corresponder.

Napoleão torna a encontar Maria Walewska depois da batalha de Pultuck. — No medalhão: Maria Walewska

Um incidente veio porém modificar êste estado de coisas e fazer com que tivessem efectivação os desejos do galanteador, pela anuência de Maria ao consórcio.

O marechal Ney, um dos grandes táticos que rodearam Napoleão, uma das maiores celebrações militares que com êle colaboraram, estava sendo julgado num processo que o havia de conduzir perante o pelotão executor.

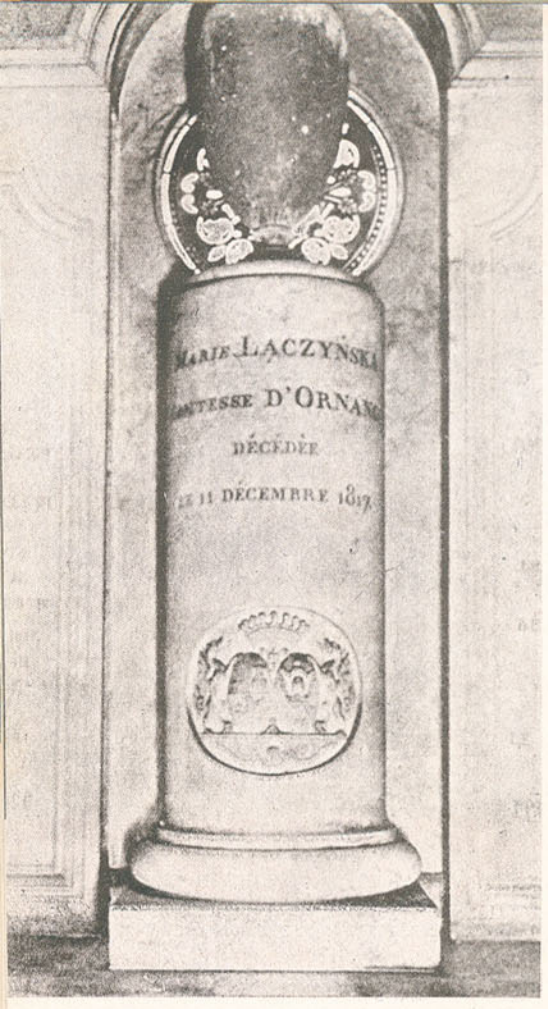
Todos os que se recordavam da heroicidade, do saber e da glória de Ney não podiam ver com bons olhos que o heroi fôsse assim tratado e murmurava-se con-



Mensis Septembris 1816

7 Dominus philippus augustus Comes D'ornano majorennis e parochiâ Sancti Caroli Jaccio in insulâ Corsicâ orundus: et Domina Maria Laczynska majorennis oriunda ex parochi andreæ parochiâ Varsovia in polonia, vidua Comitis anastasii Colonna D'Walewski: sponsus parochia sanctæ mariæ magdalenæ, sponsa ecclesia succursalis beatæ mariæ Virginis lauretanæ ubinam parisiis, actu degentes bruxellis, præmissâ unâ proclamatione in prædictis Ecclesiis, Cum dispensatione super duabus aliis obtentâ à vicariatu parisiensi, Contraxerunt matrimonium coram me infrà scripto, pastore et archipresbytero ecclesiæ primariæ Sanctorum michaëlis et gudulæ bruxellis ad hoc specialiter Commisso et autorisato à reverendo Domino Archiepiscopo Mechliniensi, præsentibus testibus Dominis Petro Joseph Dufriê notario regio et Francisco patio De Waggenaer notarii Clero. — L. Mille qui supra.

Registo do casamento de Maria Walewska com o general Ornano, celebrado em Bruxelas



A urna que contém o coração de Maria Walewska no jazigo da família de Ornano, no cemitério do Père-Lachaise

tra tal estado de coisas, que se classificava de injusto e arbitrário.

O general Ornano, género arrebatado e admirador sincero e consciente do marechal, declarou alto e bom som que se pudesse contar com cem homens decididos libertaria o herói excelso dos fastos napoleónicos, que se encontrava prisioneiro na Conciergerie.

Tanto bastou para que, horas passadas, o militar fôsse detido, porque os esbirros realistas tinham ido delatar, agravando-as ainda, as palavras do general.

Valeu-lhe neste passo Maria Walewska conseguindo, por intermédio de Fouché e de outras personalidades influentes, libertar Ornano, que se exilou voluntàriamente na Grã-Bretanha.

Aí se lhe juntou Maria, que, também perseguida por bonapartista, se vira em sérias dificuldades, e que, ansiando proteger e garantir o futuro do filho que estremecia, se resolvera a contraír casamento com o general de Ornano.

Várias circunstâncias, porém, retardaram a cerimónia, vindo a acto matrimonial a ser celebrado em Bruxelas a 7 de Setembro de 1816, oito meses depois de ela ter partido para Inglaterra a juntar-se ao seu futuro marido.

Passaram em seguida os Ornano a residir em Liège, numa interessante vivenda situada nos subúrbios da cidade, numa quietude e numa tranquilidade que há muitos ambos os esposos não conheciam, e que sòmente era perturbada pela sombra do Imperador, que fazia sempre marejar os olhos de lágrimas a Maria, a mulher que nunca o esqueceu.

Mas esta relativa felicidade pouco havia de durar.

De facto, logo em princípios do ano seguinte de 1817, a condessa se sentiu doente. Era uma tristeza infinita, que não havia meios de fazer cessar, e uma anemia que ia progredindo pouco a pouco, assustadoramente.

Em Junho dêste ano nascia Rodolfo Augusto, o terceiro filho de Maria Walewska e o primeiro e único fruto do seu consórcio com o general de Ornano.

Em virtude do estado de fraqueza da parturiente, de mais a mais com tendência a agravar-se, o médico proíbiu-a de amamentar o neófito, que propôs fôsse entregue a uma ama.

Maria opôs-se, e a sua resolução foi tão forte que nada houve que a fizesse modificar. Tal facto apressou-lhe o fim, vendo-se quotidianamente a quéda progressiva e rápida do seu corpo definhado.

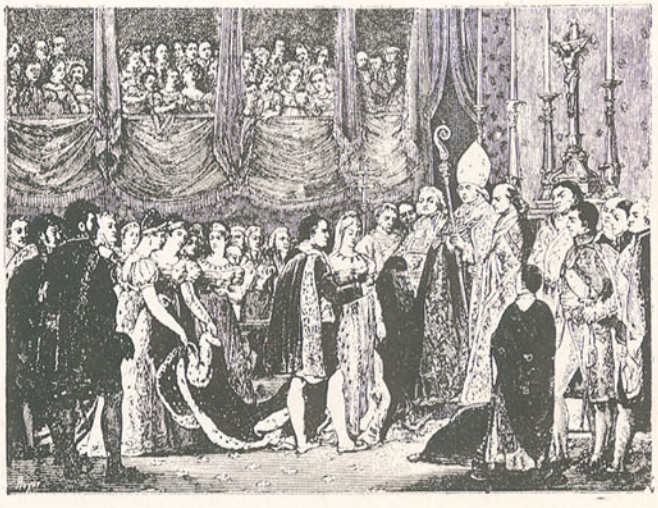
Sentindo a morte próxima, desejou acabar em terra francesa, na pátria onde se desenvolvera o génio, o seu único amor — Napoleão. Regressou tôda a família a Paris, e por uma fria manhã de Dezembro, a 11, dêsse mesmo ano de 1817, finava-se dôcemente nos braços de seu marido, tendo ainda na bôca, ao expirar, o nome de Buonaparte, aquela que tinha sido uma das formosas mulheres da faustosa côrte napoleónica e que ocupára no coração do *Corso Imortal* um lugar de bem vincado destaque, a quem êle consagrára uma afeição profunda.

O corpo da desditosa condessa, que tão nova deixava êste mundo, foi transportado para a Polónia que, apesar do sacrifício heroico de Maria, continuava a sofrer, agrilhoada tal qual como no tempo em que Napoleão por lá passára, ardendo na febre de dominar a Rússia; o seu coração encerrado em rica urna, ficou o general de Ornano com êle, e está actualmente em jazigo da família dêste militar, no Père-Lachaise, em Paris.

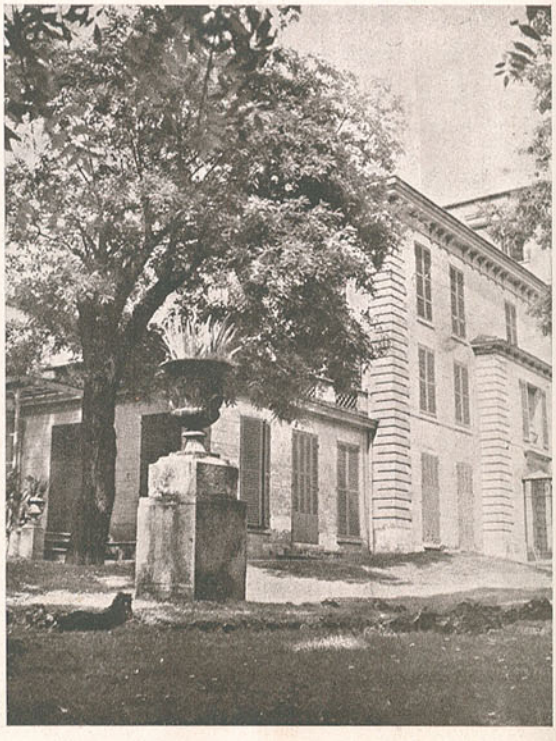
E enquanto o seu corpo, encontrando finalmente o repouso, descia mansamente à terra, mergulhado no descanso eterno que não no esquecimento, lá longe, numa ilha perdida no meio do Atlântico, em Santa Helena, o guerreiro genial, o mais assombroso dos homens dos últimos séculos, agonizaria lentamente ainda durante oito anos, lutando contra a insalubridade do clima, contra a terrível doença de estômago que o fazia sofrer horrìvelmente e que acabaria por o vitimar, contra as desconsiderações, grosserias e maus tratos do carcereiro que a Inglaterra lhe colocára ao lado, o general Hudson Lowe, e contra o esquecimento que todos, inclusivè sua espôsa Maria Luiza, a orgulhosa filha da Austria, lhe votavam — tantos e tantos que tinham sido os mais lisongeiros cortezãos de Buonaparte e que, na desgraça, o despresavam e desprestigiavam.

...E esta é a triste história de Maria Laczynska...

GASPAR DA CRUZ FILIPE.



Casamento de Napoleão com Maria Luiza em Notre Dame



Casa de Maria Walewska em Boulogne-sur-Seine

O CAMPO

NESTA época do ano nada ha mais belo do que o campo, que se cobre de maravilhas que se desfaz em dádivas ao homem.

As searas amadurecidas dão-nos o pão, sem o qual não podemos viver, as arvores carregadas dos mais saborosos frutos oferecem-nos a melhor alimentação e a que mais satisfaz a nossa gulodice.

Cerejeiras enfeitadas com as vermelhas e lindas cerejas, pecegueiros cobertos de aveludados frutos, ameixieiras iluminadas com os vários tons das ameixas, e nas figueiras começam a espreitar os figos, os belos e deliciosos figos, que eram o manjar preferido dos gregos, que foram o povo que atingiu o mais perfeito grau da beleza humana.

O calor aperta e as cidades tornam-se dolorosamente insuportaveis e o campo espera-nos oferecendo-nos todas as suas mais deliciosas produções numa prodigalidade abençoada de Deus.

Mas o que é muito para admirar é que tendo nós, em Portugal dos mais lindos campos, onde ha de tudo. Desde as searas admiráveis do Alentejo aos pomares deliciosos de Leiria Alcobaça e seus arredores, das figueiras do Algarve ás frutas suculentas do Douro e de Trás-os-Montes.

Campo duma beleza igual aos mais maravilhosos dos grandes países, praias sem rival em extensão, em areia fofa e fina, em beleza natural. Lagôs dum azul soberbo, montanhas de aspectos variados, de tudo nós temos e se o nosso país, não é grande em tamanho é dos maiores em belezas naturais e das mais variadas.

Païsagens e marinhas de convidar o mais difícil pincel de artista e de prender os olhos mais exigentes, o que é de admirar como já disse, é que a mulher portugueza, em geral, não gosta do campo, não aprecia a vida natural ao ar livre.

Se é citadina, vive agarrada ás pedras da calçada da sua cidade, e tem só uma aspiração, uma cidade maior ainda onde possa viver a vida ficticia e enervante das grandes cidades.

As senhoras que por qualquer circunstância se vêem obrigadas a viver no campo lamentam-se como dum exilio, queixam-se como se estivessem condenadas a um horrivel martírio.

Algumas ha que compreendem e sentem a beleza do campo o sádio da sua vida, e que dirigem elas as suas propriedades administrando os seus bens, mas são poucas, muito reduzido o seu número, num país que se diz essencialmente agrícola.

Em geral as famílias que vivem no campo vivem nas suas propriedades e a mulher tem á sua disposição, uma bela e espaçosa casa, onde pode ter o confôrto se a interesssar tê-lo, onde hoje não vive isolada do mundo, porque a rádio a pode manter em contacto com todo o mundo, onde a assinatura de revistas e os livros lhe darão tôda a distração e com automóvel ou utilizando os «autocar» que formigam por todo o nosso país tem as comunicações asseguradas com os grandes centros. O que não impede que sejam tristemente desoladas as suas queixas.

Desejam, todas, o viver amalgamado da cidade; que evidentemente é Lisboa o sonho dourado. As casas acanhadas aos andares numa promiscuidade de visinhança que se sabe quando o visinho está constipado pelo número de espirros que dá e onde se dorme bem ou mal; segundo a disposição da visinhança para o sossego ou para o alvoroço.

A vida de correrias, de atrapalhasão, de afazeres é o encanto das senhoras que suspiram pelos cinemas, para verem coisas sem interêsse a maior parte das vezes, quando têm diante dos olhos o mais belo cenário duma paisagem soberba. Eu não digo, que não seja agradável uma visita à cidade de vez em quando, mas é tão fácil fazê-la.

As mulheres de outros países têm o delirio do campo. O sonho de todos os burguezes de Paris é fazerem economias para ir viver para o campo ou pelo menos ter uma casinha nos arredores da cidade. As grandes famílias da aristocracia franceza, vivem em geral nos seus «chateaux» e passam em Paris dois mezes por ano e muitas nem isso fazem.

Na Inglaterra, a vida do campo é apreciadissima pelas senhoras, que se interessam imensamente pela administração das suas propriedades e que sabem manter dentro de casa uma vida agradabilissima.

As mais ricas famílias da aristocracia ingleza vivem sempre nos seus solares, onde não se aborrecem, porque sabem viver. Todos os sábados chegam hóspedes que vêem passar o «week-end», tôdas as noites dansam e organisam festas, caçadas, e distrações, que lhes tornam agradabilissima a vida do campo em tôda a sua beleza, liberdade e encanto duma vida saudável numa bela casa, entre pesoas amigas. E se não fôra elegante apresentar-se em Londres, para a «season» e frequentar a Côrte nessas semanas que está em Londres, ninguém se deslocaria.

A vida no campo para quem a sabe organisar e que não precisa de se atordoar para ser feliz, é a mais agradável que se pode ter.

E se não veja-se como famílias inteiras aos domingos, se metem nos seus automóveis e vão passar os dias inteiros ao campo onde se distraem nos mais simples folguedos, que os descansam da vida exaustiva da cidade.

E que bom resultado não tem êsse hábito, que pouco a pouco se tem introduzido também entre nós, sendo interessante observar, a fila de automóveis que serpenteia nas estradas dos arredores, nas manhãs de domingo.

Hábito que só pode contribuir para melhorar a saúde, permitindo aos nervos que descansem, ao menos uma vez por semana da trepidante vida da capital. Mas não é só na Europa que a vida do campo é apreciada. Na América também há quém aprecie o viver largo dos campos e a sua felicidade. As americanas têem mesmo êsse deseio de vida simples, um exemplo é Roselind Russel a linda artista de cinema que está actualmente em Inglaterra, filmando na Metro Goldwin Meyer ingleza, e, que comprou uma bela propriedade em Buckinghamshire Hillside, próximo de Denham onde a grande produtora de filmes, tem os seus «Studios».

Essa deliciosa propriedade com a sua casa estilo Tudor, com grandes planícies de pasto, bosque, um roseiral murado, tènnis e jardins floridos faz os encantos da gentil «Star» que diz «ser a sua casa a perfeita casa de campo descrita nos romances inglezes».

A gravura que juntamos mostra-nos um gracioso episódio da vida da formosa artista, nos prados da sua propriedade onde pasta o gado que lhe pertence.

E esta senhora habituada à vida trepidante das grandes cidades americanas, sente-se feliz na tranqüila vida do campo, tranqüila mas não aborrecida, porque não se deve nunca ninguém aborrecer de viver onde o destino lhe marcou o seu lugar.

As que temos de viver nas cidades engavetadas num prédio, em casas aos andares, contentemo nos com a nossa sorte, aproveitemos as distrações da cidade, aguentemos a vida trepidante de todos os dias, e, aos domingos procuremos os locais aprazíveis que se encontram nos arredores de tôdas as cidades, para respirar um pouco de ar puro...

MARIA DE EÇA.

Projecto do monumento comemorativo da viagem presidencial a Cabo Verde

LANCES MARÍTIMOS DE UM JORNALISTA

Viagem acidentada de Cabo Verde á Gâmbia num veleiro

As minhas repetidas viagens marítimas haviam-me convencido de que tinha alma de marinheiro, que nascera, pelo menos, quatro séculos atrazado. Parecia-me que teria sido um herói dos descobrimentos e que hoje o meu nome correria parelhas com os de outros tantos portugueses ilustres a quem o Mundo presta preito de homenagem pelos perigos a que se expuseram só para que outras terras vissem a luz da civilização. Desde menino que o meu corpo fôra afeito às carícias, brandas por vezes, violentas quási sempre, do Mar, gigante que me embalou os primeiros sonhos, quando, já em terra de Portugal, me deram para a minha infância, ainda em formação, um novo berço. Acostumei-me, assim, ao seu contacto diário, e quando a sua espuma fina, rendilhada como os bordados da Bretanha, não deixava flocos no meu corpo de rapazinho, uma vaga tristeza feita do apartamento, invadia-me a alma. O mar era a minha grande paixão.

Um novo rumo teve a minha vida e quási que me esqueci do Oceano. Via-o, uma vez por outra, do alto dos penhascos lá para a banda de Cascais. Mas aqui tinha outra côr. E rugia mesmo de outra maneira. Brincavam com êle, em ar de desafio, as crianças das praias, e no seu dôrso macio como veludo corriam agora ligeiras novas barquinhas de amor.

Um dia voltei a poluir o seu corpo de gigante. Uma, duas, t ês vezes sulquei o Atlântico como um autêntico dominador. Repetia, confortavelmente instalado numa dessas cidades flutuantes, a rota de Cabral quando brindou o Mundo com as terras morenas de Santa Cruz. Outras tantas o meu espírito aventureiro navegou para o mar do Norte sedento das civilizações desconhecidas, e, ainda não há muito tempo que passei dias e dias pelo Mare Nostrum dos antigos romanos que o sr. Mussolini quere reivindicar como propriedade da Itália milenária. Duas viagens de submarino, uma delas mesmo a muitos metros de profundidade, e algumas travessias em frágeis embarcações de Peniche para as Berlengas, deram-me a doce ilusão que tinha alma de marinheiro. E de marinheiro de rija têmpera. Poucas vezes havia conversado, intimamente, com as águas atlânticas. Sentia-me por isso disposto a todas as aventuras e alimentava dentro de mim o desejo de ir um dia, membro da equipagem de um navio bacalhoeiro, percorrer os mares da Terra Nova e da Groelândia para sentir em tôda a sua grandeza a heróica epopeia dos rudes lôbos do mar.

Ao saír de Lisboa para esta tentativa de viagem à Volta do Mundo, tinha resolvido utilizar-me de todos os meios de transporte, só para não perder tempo, inutilmente. Surgiu mais depressa do que eu imaginava a primeira oportunidade. Primeiramente tive de realizar a travessia entre S. Vicente e Santo Antão, as duas principais ilhas de B rlavento do arquipélago de Cabo Verde, num barquito à vela que me deixou em Pôrto Novo, depois de quatro horas de viagem, mais morto do que vivo, com os ossos feitos num feixe, e tendo sempre por guarda de honra alguns enormes tubarões que esperavam, certamente, que o «Sereia» alijass: ao mar a sua carga para saciarem em mim e nos meus companheiros de viagem a sua voracidade.

Julgava-me já satisfeito com a experiência e havia jurado não voltar a repetir tão depressa aquela proeza, quando novamente, me vi forçado a efectuar a viagem de Cabo Verde à Gambia, num veleiro, maior é verdade do que o «Sereia», mas que, em todo o caso, não passava de um veleiro.

* * *

Eu vinha a ouvir falar do «Corona» desde que havia posto pé em Cabo Verde. Todos me gabavam a elegância das suas linhas modernas e o seu casco de ferro temperado nas grandes oficinas da América. O seu velame amplo, bem cortado, que lhe dava por vezes a velocidade de um paquete, era o orgulho dos «sail-makers» de Boston.

No Pôrto Grande de S. Vicente, balouçavam-se ao sabôr das águas cálidas outros veleiros. Nenhum, porém, mais valente para o mar alto, nem mais rápido do que o «Corona», de «nho» Joãosinho, um velho «lôbo» como dêle falava com respeito a turba-multa dos marítimos de Mindêlo. Apontava-se, como exemplo de heroísmo, a sua recente viagem de ida e volta à América do Norte, de onde viera com o bôjo carregado de presentes dos emigrantes caboverdeanos para as famílias da Brava, Fôgo e Santiago. Em volta do seu passado tecera-se mesmo uma ténue teia de lendas que, propositadamente, exaltavam perante o público a sua linha de hiate elegante. Fôra durante o regime da lei sêca do presidente Hoover, que o contrabando de alcool tentara os maiores aventureiros. Para iludir a vigilancia das vedetas da marinha de guerra nórte-americana, chamada a dar combate sem tréguas nem quartel aos «gangsters», criou-se uma marinha mercante particular, de navios ligeiros, de fino casco, mastreação de rijo pinheiro de Riga, onde era aplicado todo o pano que uma navegação veloz requere dum palhabote: uma vela grande, um traquete, dois «gaf-tops», uma «placa» uma vela de «estai», uma «formosa» e uma «giba». O «Corona», velho hiate vencido da última guerra transatlântica para a disputa da taça de Inglaterra antes da Grande Guerra, dormia, sossegadamente, o sôno dos heróis, esquecidas já do grande público as glórias do passado, quando o fôram buscar para as corridas que durante quatro anos sustentou contra a polícia incumbida de refrear o contrabando de alcool a que o sr. Roosevelt pôs têrmo ao ser eleito para a Casa Branca.

Palhabote «Corona» à entrada de S. Vicente

Fingindo de marinheiro

E foi a uma tranqüila doca de Bristol que o sr. João Lúcio de Sousa o tirou quando, amealhados alguns «dollars», resolveu regressar à sua ilha da Brava, tranformado em armador e comandante do «Corona».

* * *

Ao saber-se na Praía que eu ia embarcar para a Guiné a bordo do «Corona», ouviu-se um ah! de espanto. Olharam-me com curiosidade como se eu fôsse repetir alguma proeza homérica, meter uma lança em África... Lá em baixo, na baía, o elegante palhabote batido pelos raios do sol ardente dos trópicos, convidava-me para a grande aventura. Admirei com um leve sorriso de satisfação a sua silhueta fina, de «animal de raça»... E não escutando os últimos conselhos de pessoas amigas para eu desistir da aventura, saltei para um escaler e mandei remar.

Tremeluziam no espaço infinito as últimas estrêlas. O Cruzeiro do Sul que guiára o Gama e Cabral na descoberta de novos mares e outros continentes, desenhava-se bem nitída, um pouco acima da linha do horizonte... As ondas encapeladas, uma atrás de outra, ruge que ruge, eram grandes novelos no cimo dos quais, por um verdadeiro milagre de equilíbrio, o «Corona» saltitava como gazela perseguida por matilha de galgos e lebreus. Gemiam as enxárcias. E ao leme, «nhô» Joãosinho, moreno pelos sóis de todos os mares, fitava a bussola e enfrentava, resolutamente, as vagas que varriam o veleiro de pôa à pôpa.

Havia horas que tinha pôsto pé no «Corona» e aguentava lá em baixo, sacudidelas sôbre sacudidelas que não me deixavam um momento sossegado.

Dois dias, os ventos desaustinados, sem eira nem beira, varreram, inclementemente, tôda a superfície líquida à nossa volta. O meio-dia, era para mim um raio de esperança. A essa hora o comandante do «Corona», auxiliado por um sextante, depois de ter bem marcado a hora por um velho despertador sem vidro e com um ponteiro partido, tomava a altura, observava o sol e determinava a distancia a que nos encontravamos de Buthurst, na Gâmbia, para onde nos dirigiamos com um precioso carregamento de bois, vacas, cabras e chibos, suinos e leitões, galinaceos e ovelhas, que davam ao «Corona» mais o aspecto de uma verdadeira Arca de Noé, do que dum veleiro que sulcára o Atlântico na disputa do grande prémio da Inglaterra. Quando a fimbria da onda dobrava, como guarda avançada, a prôa do barco, todos aqueles animais transidos de mêdo, largavam numa correria doida para junto de nós que à ré, ao lado da roda do leme, olhavamos serenos para o inimigo que agigantado parecia querer subverter dum só golpe o hiate que navegava sempre levado pelo pulso seguro do mais hábil de todos os marinheiros caboverdeanos.

Conferência de Armando de Aguiar em Bissau

— Amanhã, à noite estaremos em Buthurst, — dizia-me todos os dias o sr. João Lúcio com um sorriso de optimismo a rasgar-se na sua face simpática. E o dia seguinte era para mim um dia de esperança. Enfrentava com maior serenidade um perigo que só existia na minha imaginação exaltada. Olhava, então com certa arrogancia para dois outros passageiros que mais pareciam fardos de batatas do que homens, como eu, descendentes de velhos navegadores. Cheguei mesmo a empunhar a minha Zeiss e a procurar os momentos mais difíceis para gravar uma boa imagem. E quási que me senti marinheiro afeito a tôdas as durezas da vida maritima ao firmar com as minhas mãos patricias a roda do leme do «Corona».

Quando vencidas as 520 milhas que separam a Praia de Buthurs o «Corona» fundeou no rio de Gâmbia, eu tinha perdido alguns quilos, mas sentia-me disposto já a tôdas as aventuras pelo mar.

Buthurst — Maio de 1939.

ARMANDO DE AGUIAR.

Marítimos de Cabo Verde

Um mariolão pára a olhar demoradamente a montra duma mercearia. Entra e pede ao caixeiro:

— Faça favor de vender-me uma garrafa de vinho igual à que está na montra.

Trazem-lhe uma garrafa de magnifico vinho do Pôrto que êle recebe e paga com cinqüenta centavos.

— Perdão! — diz-lhe o caixeiro. — O prêço são quinze escudos.

— Perdão, digo eu. Esta garrafa é exactamente igual à que está na montra e tem o prêço marcado de cinqüenta centavos.

O empregado vai à montra, verifica que o freguês não mente, mas pretende anular a compra com o motivo de que houve engano na colocação das etiquetas. O freguês não cede, a questão azeda-se e nela intervém um polícia que é obrigado a razão ao freguês a-quém diz, na rua:

— Se você aqui voltar e apanhar uma sóva, não sou que lhe acudo, caso esteja de serviço.

— Ai! isso é que tem de me acudir. — replicou o freguês — quando aqui volte para receber dez centavos pela garrafa vazia, conforme o letreiro que também está na montra...

Depois de uma nova e violenta disputa, a espôsa saiu do lar conjugal e retirou-se para casa da mãe. Mas, horas depois, reconsiderando, regressou a casa.

Entrou para o seu quarto, chamou a criada e disse-lhe:

— Maria, traga-me uma das garrafas de vinho do Pôrto que temos na dispensa.

— Já não há nenhuma. O patrão bebeu-as tôdas para celebrar a partida da senhora...

— Não me importava — diz Smits, a um amigo, — de tornar a casar, mas gostaria que a minha futura fôsse, além de muito bonita, uma boa cozinheira.

— Impossível! — responde-lhe um amigo. — A não ser que faças de bigamo...

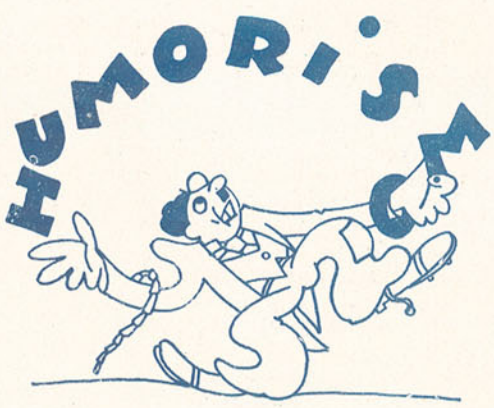
O *empregado:* — Como me vou casar, vinha rogar ao senhor Director para me aumentar o ordenado.

O *Director:* — Sinto muito, mas a firma não é responsável pelos acidentes que lhe possam suceder fóra do serviço.

Uma senhora elegante, mas que já não está na juventude, recebeu a visita de um comendador casca grossa, mas muito falador, que havia anos não a via.

— Ah! minha senhora, como v. ex.ª está mudada! Tão formosa que foi! Eu agora não a conhecia!

— É verdade, é, a gente muda muito. A única coisa que não muda nunca é a estupidez: quem nasceu estúpido há-de sê-lo tôda a vida.



As mulheres não têm idade, já houve quem o dissessse, e disse uma grande verdade, corroborada pelos factos de todos os dias.

Num baile:

— Palavra que estou com vontade de me atirar áquela pequena que ali está, mas não sei se ela me dará sorte.

— Se quiser eu pregunto-lhe — diz um sujeito ao lado delicadamente.

— O quê? Conhece-a?

— Alguma coisa, é minha mulher.

Uma dama muito devota aproximou-se do confessor habitual, no momento em que êste seguia da sacristia para o altar, e interrompeu-o com esta pregunta:

— Esta manhã, quando me vi ao espêlho, achei-me bonita... Mas êsse pensamento de vaidade ficou a pesar-me na consciência. Diga-me, se pequei?

— Não se preocupe com isso, minha filha — respondeu-lhe o confessor — um engano não é pecado.

Duas damas da pretensa aristocracia, conversam, na varanda do Club da praia, em Cascais. Não sabem, que estão sendo ouvidas. Tratam de aceio, não lhes parecendo nada, excessivo.

— Uma das minhas amigas não se lava menos de vinte vezes por dia!

— Pois eu conheço uma senhora, que lava a cara com luvas, para não sujar as mãos!...

Um homem impertinente, dêstes que entram nas salas sem grandes bulhas para lá serem admitidos, conversando com uma senhora das mais elegantes e mais espirituosas que Lisboa conheceu, teve a simplicidade de lhe preguntar quantos anos tinha.

— Ai! eu sou muito antiga — respondeu-lhe ela — eu ainda sou do tempo em que era má criação preguntar a idade a uma senhora.

Uma mulher levou a uma farmácia uma receita do médico, que prescrevia pós de arsénico em papelinhos.

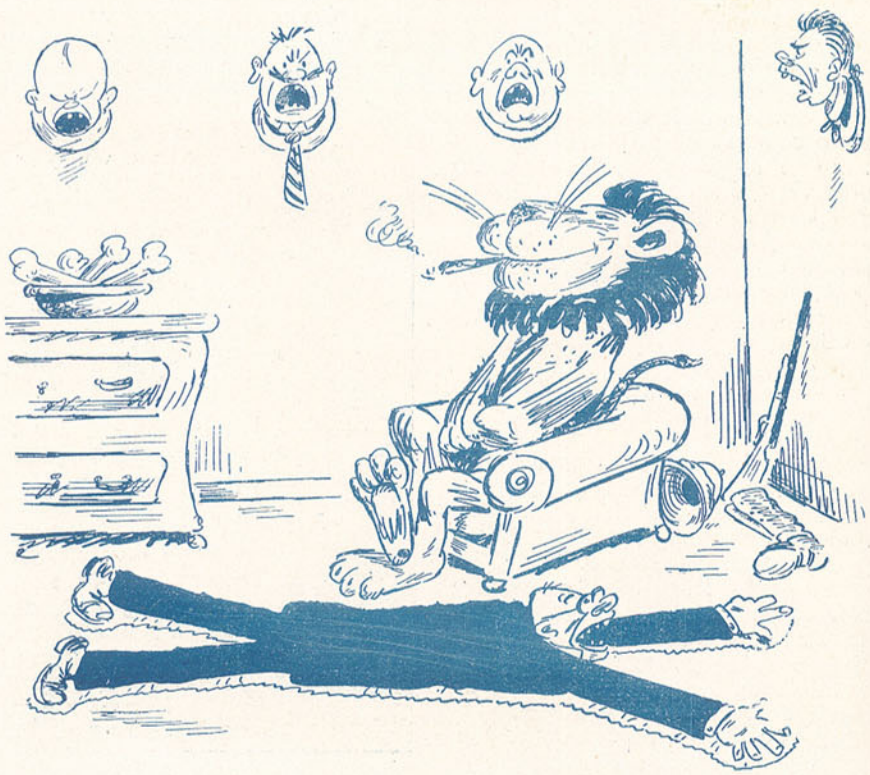
Vendo o farmacêutico pesar os pós com a mais escrupulosa exactidão, disse:

— Oh! senhor, pese isso bem pesado, que é para gente pobre.

Na praia, um banhista aborrecido que ali foi passar tempo de férias, exclama:

— A vida aqui é uma massada. Há sal em tudo: no banho, nos cabelos, nas orelhas, no corpo...

— E sobretudo nas contas do hotel — interrompe um outro.



Em casa do sr. Leão.

VIDA ELEGANTE

Casamentos

Com tôda a solenidade e grande assistência, realizou-se em 12 do corrente na capela particular dos pais da noiva, na Herdade do Casal do Pereiro, o casamento da Ex.ª Sr.ª D. Maria José Consuelo da Cunha Barreira, filha do Ex.mo Sr. José da Silva Barreira e da Ex.ma Sr.ª D. Albertina da Conceição Cunha Barreira, com o Ex.mo Sr. Henrique da Silva Barreira Júnior, filho do E.xmo Sr. Henrique da Silva Barreira e da Ex.ª Sr.ª D. Maria do Nascimento Brito Barreira. Apadrinharam os noivos, por parte da noiva, seus tios, Ex.mo Sr. João da Silva Barreira e sua espôsa Ex.ma Sr.ª D. Maria de Brito Barreira, e pelo noivo os pais da noiva.

Foi celebrante o Ex.mo e Rev.mo Sr. Bispo do Algarve, vindo especialmente para êste fim de Faro, sendo acolitado pelo seu secretário particular e pelo pároco do Rossio d'Abrantes. A cerimónia foi precedida de missa e no final, o Ex.mo Rev mo Sr. Bispo do Algarve proferiu uma tocante alocução, após a qual, deu aos noivos a Benção Papal.

Finda a cerimónia religiosa, foi servido aos convidados um fino lanche. Na corbeille dos noivos viam-se imensas e valiosas prendas.

Os noivos seguiram de automóvel para o norte do país para continuarem a viagem às principais capitais da Europa.

— Pelo sr. dr. Américo Claro da Fonseca e sua espôsa, sr.ª D. Matide de Morphy Claro da Fonseca foi pedida em casamento para seu filho, sr. dr. Cristiano de Morphy Claro da Fonseca, a sr.ª D. Emilia Nugent Carneiro de Melo, gentil filha da sr.ª D. Emília Alice Nugent Carneiro de Melo e do sr. Henrique Carneiro de Melo.

O casamento deve realizar-se ainda êste ano.

— Pelo sr. Baptista Ribeiro Leal e sua esposa, sr.ª D. Maria Luiza Gomes da Silva Leal, foi pedida em casamento para seu filho Vítor Manuel, a sr.ª D. Madalena dos Anjos Rodrigues, gentil filha da sr.ª D. Palmira dos Anjos Rodrigues e do sr. João Manuel Fernandes Rodrigues, já falecidos.

A cerimónia deve realizar-se muito em breve.

— Com a maior intimidade, devido ao recente luto do noivo, realizou-se na igreja de Carcavelos, o casamento da sr.ª D. Elizabeth Ana Maria Pressler Aranha, gentilíssima filha da sr.ª D. Ernestina Presseler Aranha e do sr. Carlos Aranha, já falecido, com o sr. Francisco Cabral Moncada do Casal Ribeiro de Carvalho, filho da sr.ª D. Maria Inácia Cabral Moncada do Casal Ribeiro de Carvalho e do sr. dr. José Maria do Casal Ribeiro de Carvalho.

Serviram de padrinhos, por parte da noiva, sua mãe e seu irmão, sr. Vasco Pressler Aranha e por parte do noivo, seus pais.

Aos noivos foi lançada a Benção Papal e oferecidas valiosas e lindas prendas.

— Com um enorme brilhantismo realizou-se na capela de Nossa Senhora das Chagas o casamento da sr.ª D. Maria Tereza Ramos Jorge, interessante filha da sr.ª D. Maria Izabel de Ortigão Ramos Jorge e do sr. dr. Ricardo Jorge (Filho), com o sr. Luiz de Beltrão, filho da sr.ª D. Maria de Jesus Gil Beltrão e do sr. coronel Luiz Teixeira Beltrão.

Durante a cerimónia religiosa a ilustre cantora D. Elsa Levy, acompanhada a órgão, fez-se ouvir em alguns números sacros.

Aos noivos, a que serviram de madrinhas as sr.as D. Maria José de Aboim de Quental e sua tia D. Maria Berta de Ortigão Ramos de Castelo Branco, foi dada a Benção Papal.

A noiva vestia uma linda toilette de gaze branca enfeitada com pequeninas tiras de setim e um grande manto também de gaze e igualmente enfeitado na orla com setim, completado com um pequeno diadema de tule guarnecido com flor de laranjeira.

A assistência era das mais elegantes que temos visto.

No fim da cerimónia religiosa foi servido um fino lanche em casa da tia da noiva, sr.ª D. Maria Berta de Ortigão Ramos de Castelo Branco, cujas salas estavam decoradas com as mais raras flôres e que explêndido sexteto animou durante a tarde, em que se dançou com entusiasmo.

Aos noivos fôram oferecidas lindíssimas prendas.

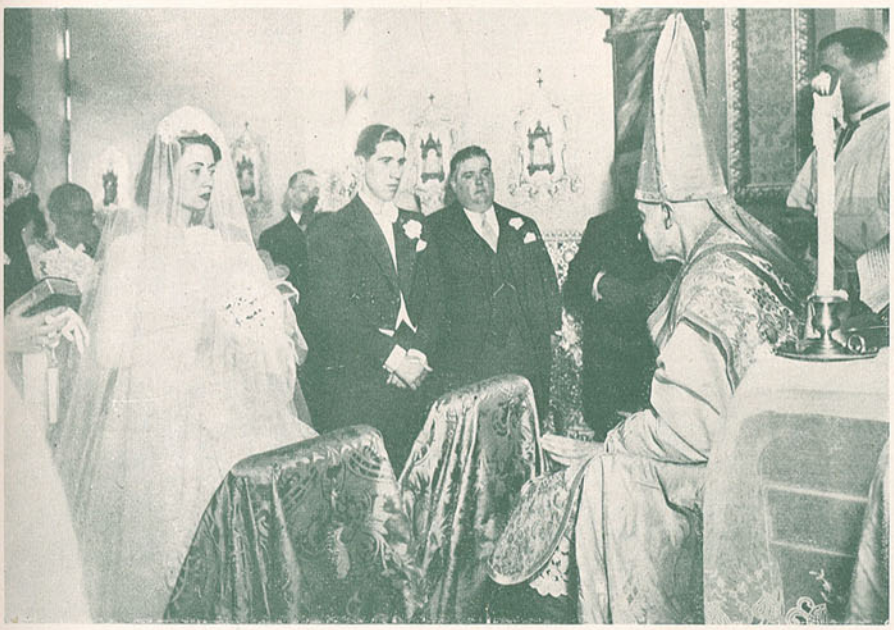
— Na capela da residência do engenheiro sr. Carlos Santos, tio da noiva, realizou-se o casamento da sr.ª D. Amélia Maria Grandela Sabino Pereira, gentil filha da sr.ª D. Matilde de Almeida Grandela Sabino Pereira e do sr. dr. José Sabino Pereira, ilustre cirurgião, com o sr. Antero Ferreira de Tovar Faro, filho da sr.ª D. Maria Delfina de Tovar Faro e Noronha e do sr. dr. António Ferreira Dias, já falecidos.

Fôram padrinhos da noiva, seus tios, engenheiro Carlos Santos e sua espôsa, sr.ª D. Maria Justina Grandela Santos e do noivo, seus irmãos, o sr. capitão-tenente dr. Emílio de Menezes Tovar Faro e a sr.ª D. Maria Margarida Ferreira de Tovar Faro.

A cerimónia, embora fôsse revestida de grande brilhantismo, teve um carácter muito íntimo, dado o luto recente da noiva.

Na corbeilhe via-se grande número de valiosas prendas.

Casamento da sr.ª D. Ema Henriques com o sr. Euclides Neves, realizado em Luanda.



Casamento da sr.ª D. Maria José Consuelo da Cunha Barreira com o sr. Henrique da Silva Barreira Júnior

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso, dando á luz uma criança do sexo masculino, a sr.ª D. Maria Cândida Tavares Gordo, esposa do sr. dr. José Agapito Gordo.

Mãi e filho encontram-se felizmente bem.

— Teve o seu bom sucesso, a sr.ª D. Laura de Oliveira Guimarãis Moreira, esposa do sr. Luiz Moreira Júnior.

Mãi e filha encontram-se felizmente bem.

— Teve o seu bom sucesso a sr.ª D. Izabel de Castro Leão, esposa do sr. dr. Emídio Neves.

Mãi e filho encontram-se felizmente bem.

— Deu à luz uma criança do sexo masculino a sr.ª D. Maria Assoreira, esposa do sr. dr. David Assoreira.

Mãi e filho estão felizmente bem.

— Teve o seu bom sucesso, a sr.ª D. Beatriz Delfim Padrão, esposa do sr. António Lôbo Padrão. Mãi e filha encontram se felizmente bem.

Baptizados

Na Sé Catedral, em Leiria, realizou-se o baptizado de um filhinho da sr.ª D. Izabel Augusta Benevidez Ayres de Azevedo Gorjão Henriques e do sr. dr. Duarte Manuel Gorjão Henriques da Cunha.

A ceremónia teve um carácter muito íntimo, sendo celebrante o rev. padre dr. Sebastião Brites e serviram de padrinhos Nossa Senhora do Rosário da Fátima, tocando com a corôa a sr.ª D. Alice de Oliveira Charters de Azevedo e o sr. dr. Ernesto Barahona Fragoso Tavares.

A gentil criança recebeu o nome de Manuel Maria José.

Em seguida á cerimónia foi servido no salão de mesa da Quinta de S. Bartolomeu, um almôço que decorreu muito animado.

— Realizou-se há dias o baptizado do filhinho da sr.ª D. Alexandra Lamarão Sersfield Pereira Cabral e do sr. Gonçalo Maria Leal Gomes Pereira Cabral.

Á gentil criança, que recebeu o nome de Francisco Luiz Maria, serviram de madrinha a sr.ª D. Ilka Lamarão Sarsfield, e de padrinho, o sr. engenheiro Luiz Van-Zeller Pereira Cabral, que representavam respectivamente a sr.ª D. Sara Lamarão Sarsfield e o sr. engenheiro Francisco Pereira Cabral.

D. Nuno.

O corredor alemão Harbig que bateu o record mundial dos 800 metros em 1 minuto 46,6 segundos, uma das mais assombrosas proezas do atletismo em todos os tempos

A QUINZENA DESPORTIVA

Faltam dois dias para que tenha início a oitava corrida ciclista da Volta a Portugal, e o acontecimento absorve já desde algumas semanas todo o interêsse do público desportivo que este ano se prepara para seguir com a mesma anciedade e, talvez, crescente entusiasmo a competição de maior vulto do calendário português.

Se a espectativa pelas peripécias da luta diária, que tem proporcionado sólidos alicerces a algumas das mais gerais popularidades do nosso desporto, é o principal incentivo para o anceio popular, o desejo de reviver horas de emoção e jornadas de inolvidável encanto vive com igual intensidade no espírito daqueles que alguma vez se incorporaram na caravana acompanhante da prova, e são os únicos a apreciá-la no seu verdadeiro significado.

A Volta a Portugal é durante vinte dias, para os que a seguem intimamente associados à sua organização, uma companheira caprichosa e vária, indecifrável nos seus intentos e diversa em suas manifestações; e porque assim é, porque é fonte de inquietação, porque nunca é possível descobrir-lhe os episódios, porque absorve todos os pensamentos, transforma-se em senhora absoluta do espírito, senhora ciosa que não consente divagações nem tolera rivais. Quem acompanhe a Volta assiste a sucessivas e empolgantes lutas desportivas, encaixilhadas em cenário sempre variado, como a combinação caprichosa dum caleidoscópio gigante; ante seu olhar maravilhado desfila o retábulo encantador da paisagem terna e suave, ou agreste e grandiosa, da santa terra portuguesa, que um punhado de moços fortes e audazes percorre em competição leal e renhida, pondo à prova em pacífico contraste as virtudes que a raça afirmou outrora em face doutros adversários ou das fôrças inimigas da natureza.

A prova dêste ano, estabelecida em moldes inteiramente diferente do passado. reveste-se do interêsse muito especial da luta entre os nossos melhores ciclistas e os corredores estrangeiros convidados a participar; pela primeira vez em Portugal vão alinhar numa organização desportiva de grande vulto representantes de quato países, e assim teremos elementos para julgar com segurança o valor da classe internacional dos azes nacionais.

Não ousamos formular prognóstico; os belgas constituem para nós incógnita que impede apreciações, dos espanhois consideramos Canardó ainda um profissional de mérito e capaz de suprir pela larga experiência os recursos que os anos atingiram, e no terceto francês Lesguillons e Dassé enfileiram a par dos melhores classificados homens da sua categoria. Qualquer dos nomes citados pode ser o do vencedor da oitava Volta.

Na falange dos concorrentes portugueses, entre os quais figuram três antigos vencedores da prova, reteremos como capazes de conquistar e conservar a simbólica camisola amarela, Cezar Luís, Ildefonso Rodrigues, Alfredo Trindade, Eduardo Lopes, Noé de Almeida, Aguiar Martins e José Albuquerque; mas é sempre aceitável a hipótese duma surpreza, duma revelação inesperada, como a do popular «Faísca» na corrida da época passada.

Não interessa, aliás, de momento averiguar quem possa ser o vencedor; vencedora será com certeza a Volta, para prestígio do desporto português, para eficaz propaganda do ciclismo e para divulgação dos benefícios da prática dos exercícios físicos.

*
* *

O tennis é um jôgo desportivo que em Portugal nunca saíu de resumido ambiente de cultores, cuja classe modestíssima também não chega, aliás, para mais ousados feitos do que as modestas competições nacionais.

O treino insuficiente, a impossibilidade de receberem ensinamentos técnicos competentes e, sobretudo talvez, a falta de preparação atlética geral são os factores que embaraçam o progresso dos tenistas portugueses ao qual estaria directamente ligada a expansão da prática do jôgo na mocidade desportiva.

O tennis sofre, nesta época difícil, do resultado das suas próprias características que obrigam ao emprêgo de material caro e frágil, o que lhe redobra o valor do custo. Jôgo que nunca poderá ser adoptado pelas classes populares, por isso mesmo não conhece popularidade que assegure êxito às suas organizações; estas interessam, quando muito aos praticantes da modalidade e aos seus mais íntimos parentes e amigos.

Temos um exemplo recente desta afirmação na perfeita indiferença e quási completo desconhecimento do público em que decorreram e continuam decorrendo as provas diversas de campeonato colectivo ou individual que a Federação respectiva está organizando este ano, no mais louvável esfôrço de actividade.

No entanto, noutros países, o tennis é o desporto mundano por excelência, cujos torneios são imprescindíveis no programa de divertimentos nas temporadas das estâncias e praias da moda, e cujos grandes campeonatos reünem nas capitais um público escolhido e numeroso, atraído pela fama dos campeões vindos de todo o mundo.

Tais foram os casos recentes dos famosos torneios de Paris e de Londres, considerados pela opinião desportiva como os verdadeiros campeonatos mundiais do tennis sôbre terra batida e sôbre relva, e em ambos os quais os jogadores americanos açambarcaram de maneira significativa as primeiras classificações.

É curioso notar, neste pormenor, a extraordinária vitalidade de desporto nos Estados-Unidos, onde os elementos de valor pululam como cogumelos em terreno húmido. Privados, pela passagem ao profissionalismo, dos seus grandes campeões, os americanos encontram prontamente quem lhes ocupe o pôsto com igual brilhantismo; Tildeu, Borotra, Budge foram sucessivamente soberanos do tennis universal e quando parecia comprometida a continuidade da soberania, dois novos cujos nomes eram quási ignorados na Europa atravessaram pela primeira vez o Atlântico e assenhorearam-se de todos os títulos em competição com os melhores representantes do velho continente.

*
* *

A segunda fase das competições de atletismo em pista, correspondente aos campeonatos regionais de seniores, não correspondeu infelizmente ao auspicioso decorrer da fase antecedente, em que vimos os novos atletas dar prova de prometedora classe em competições agradáveis de presenciar.

Os homens já consagrados apresentaram-se também em condições louváveis, testemunhando cuidado trabalho de preparação e ânimo para obterem marcas de valor para as nossas possibilidades; mas o esfôrço dos dirigentes regionais não correspondeu às suas justíssimas aspirações, e os erros e deficiências foram tantas que quási parece que houve nalguns casos o firme propósito de criar situações embaraçosas e favorecer críticas premeditadas. Ou então, a incompetência ultrapassa os limites do aceitável.

Faremos, portanto, referencia especial às novas barreiras mandadas construir pela Associação de Lisboa e apresentadas como correspondendo ao novo modelo internacional inventadas pelo americano Kirby.

Estas barreiras, dotadas duma estabilidade especial permitem a homologação de «records» ainda que haja derrubes, o que não sucedia com as do antigo formato.

Ora na prova regional de 110 metros os corredores foram creditados de tempos muito aquém do mínimo nacional, mas com autênticas hecatombes de obstáculos, acerca dos quais temos a convicção de que não satisfazem aos preceitos da barreira Kirby e o seu derrube em vez de atrazar o corredor, favorece-lhe a marcha.

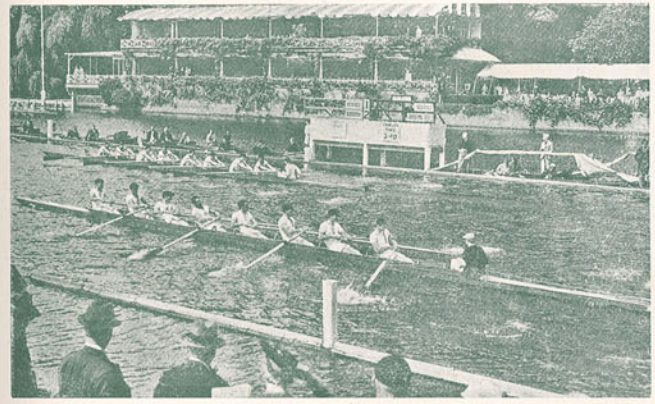
Em que fundamentamos as nossas suspeitas? Num facto muito simples e que os dirigentes da A. A. L. não quizeram até à data, e a-pezar de insistentes reclamações nossas, esclarecer.

Diz o regulamento: a barreira, cujo formato está conforme com as existentes em Lisboa, deve pezar pelo menos dez quilos e a distribuïção do pêso ser tal que seja necessária a aplicação duma fôrça pelo menos de 3,kg600 no centro do bordo superior da barra transversal para provocar a queda respectiva. Ora no decurso da prova regional sucedeu que as barreiras caíram apenas sob a acção do vento que soprava com fraca intensidade e cuja fôrça de impulsão nem de longe aproximava os tais três quilos e meio exigíveis.

Sendo assim, a barreira é de modêlo irregular e, portanto, não permite a legalização de tempos desde que o atleta provoque qualquer derrube. Proceder em contrário é agir com menos honestidade.

Salazar Carreira.

Com a primavera e o verão podem os amadores da navegação à vela dar largos à sua preferência desportiva, cujas evoluções obrigam às vezes os tripulantes a verdadeiras atitudes de acrobacia



Nas famosas regatas de Henley, os ingleses alcançaram brilhantes vitórias com as suas tripulações universitárias

DICIONARIOS ADOPTADOS

De: C. Figueiredo (grande e pequeno); S. Bastos; J. Seguier; H. Brunswick (Ilust.); Povo; F. Almeida & H. Brunswick (Pastor); J. S. Bandeira, 2.ª ed.; Fonseca & Roquette; Moreno; Torrinha; Mitologia de J. S. Bandeira; Rifoneiros de: P. Chaves, Delicado e R. Hespanha; Lusíadas e Nomes individuais de M. Silos.

GRUPO CHARADÍSTICO — «OS FILHOS DE LAIO»

Em reünião, efectuada em 3 de Maio, os componentes dêste organismo deliberaram aprovar o seu «Regulamento Geral» que, entre outras cláusulas, cria uma Direcção, uma Assembleia Geral, estabelece uma cotisação mensal e prevê a entrada de novos sócios, admitidos por meio de proposta, fixando, também, o seu número máximo.

Com carácter interino, foi eleita para actuar, até ao fim do corrente ano a seguinte Direcção:

PRESIDENTE: — *Fosquinhas*; SECRETÁRIO: *Lérias*; TESOUREIRO: *Édipo*.

Saüdamos êste valoroso grupo, desejando-lhe as maiores prosperidades.

RESULTADOS DO N.º 34

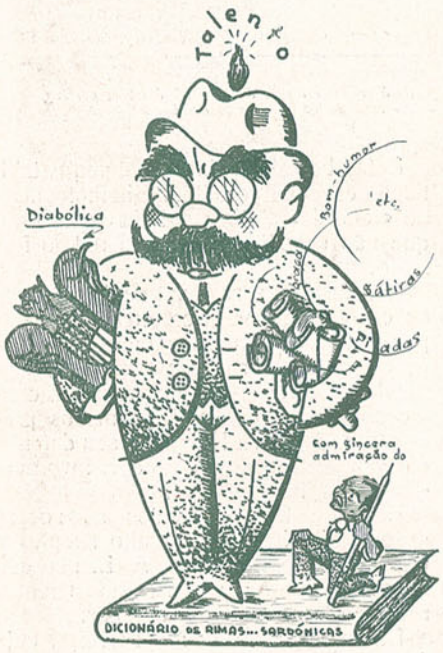
DECIFRADORES

(Totalidade de pontos — 16)

QUADRO DE HONRA

Castela, Dado, Marcolim, Nuninho e Siulno,

Ao mestre SILENO



ADITIVA

(Extra-concurso)

«Sileno»:

Vi-o ontem* de *perto*,** e comentei — 2
para o cós da camisa — «Sim, Senhor!
«Charadista de lei!
«Enigmático a valer!
«¡¿Como cabe um gigante de valor
«nêste ser?!»
Mas, depois, respondeu o dito cós:
«— Não tens «*planta*», animal! — 2
«¿Que tendes feito vós,
«os «de três ao vintém»,
«de Justiça ao valor de Génio tal?»
«— Nada... Ninguém...»
.....
Vá de réplicas ingratas, rabugentas!
...Contra a regra geral,
nem falei do seu bi... *pêlo das ventas*...

Lisboa — *Bixo Knhoto*

* Na manhã de 5-7-39.
** Verificável no Dic.º de Antiga Linguagem.

SECÇÃO CHARADÍSTICA

DESPORTO MENTAL

Sob a direcção de ORDISI

NÚMERO 43

QUADRO DE MÉRITO

Ti-Beado, Dr. Sicascar, Sevla e Francisco J. Courelas — 15. Dama Negra, Calaveras, Mirna, Agasio e J. Tavares, — 12 Diriso, Aureolinda, Cigano, Anjo das Serras, Tarata e Visconde X — 9. Aristofanes e Neptuno — 7. Um Misterioso e Frá-Diávolo — 10. D. O. X. — 9. Ramou Lácrimas e Sol de Inverno — 13.

DECIFRAÇÕES

1 — Uatapu. 2 — Estatuto. 3 — Aúnado. 4 — Ode. 5 — Aedo. 6 — Gurita. 7 — Caroço. 8 — Portagão. 9 — Congoxoso. 10 — Dardo. 11 — Guarda-infante. 12 — Malfeito. 13 — Arcário 14 — Perafita. 15 — Sama-amas. 16 — Mal por mal antes Pombal.

PALAVRAS CRUZADAS

DECIFRADORES

Castela, Dado, F. J. Courelas, Marcolim, Nuninho, Sevla, Siulno, Tarata e Um misterioso.

DECIFRAÇÕES

HORISONTAIS

8 — Castilho. 9 — Altivo. 10 — Atordoar. 12 — Violar. 15 — Júlio Deniz. 19 — Atas. 21 — Norteai. 22 — Paródia. 23 — Alpe. 24 — Perdulário. 27 — Acodem 30 — Gravidez. 32 — Vieira. 33 — Invejoso.

VERTICAIS

1 — Gastou. 2 — Atirei. 3 — Olho. 4 — Coar. 5 — Talvez. 6 — Atro. 7 — Avia. 11 — Acepipe. 13 — Lutador. 14 — Riscado 15 — Jangada. 16 — Larápio. 17 — Doer. 18 — Impedir. 20 — Oral. 25 — Atinja. 24 — Pombal. 26 — Imerso. 28 — Cria. 29 — Deia. 30 — Guia. 31 — Alvo.

RESULTADO DO 2.º CONCURSO TRIMESTRAL

(Para decifradores)

Concorrentes ao 1.º prémio: Castela, Dado, Marcolim, Nuninho e Siulno. — 82 pontos (Totalistas).

Concorrentes ao 2.º prémio (mais de 50 %): Ti-Beado — 75. Dr. Sicascar — 70. Sevla — 66. Francisco J. Courelas — 64. Mirna — 62. Agasio — 61. Ramou Lácrimas — 60. Um Misterioso — 59. Sol de Inverno — 58. Dama Negra — 56. Calaveras — 53. Cigano — 61. Tarata — 49. Anjo das Serras — 46. Visconde X — 45. Diriso — 43.

Concorrentes ao 3.º prémio: J. Tavares e Neptuno — 39. Aristofanes — 38. Aço, Alguém, Bíscaro, Copofónico, D. Perícles, Erbelo, Eusapesca, Meio-Kilo, Morenita, Papa-Almudes, X — 8 e X — 9 - 37. Fra-Diávolo — 33. D. O. X. — 30. Aureolinda — 24. Alvarinho e Mora-Rei — 21. Aocica — 11. Oliva — 10. Doris I — 5. M. A. P. M. e Palmira Ferreira — 2.

O sorteio realiza-se pelo sistema adoptado para as palavras cruzadas, tomando-se em consideração respectivamente os três primeiros números premiados da Lotoria de 5 do corrente.

TRABALHOS EM VERSO

ENIGMA

(A «Jofralo», com um abraço)

1) Oh! Que me importa que não queiras dar,
O coração que tens, a mim, querida?
Se eu sei — que é minha tôda a tua vida...
E que em meus braços te virás deitar!
Nada no mundo me fará curvar!
Tôda a vaidade, por mim é vencida!
A causa eu sou de uma ilusão perdida,
O pranto e o riso hei-de fazer cessar.

Nem pais, nem berço, tive ao meu nascer!
Surgi, enfim, sem um começo ter,
Não tenho corpo, mas meu todo é forte!

Sou o limite da melhor ventura.
Foges de mim? Mas para quê? Loucura...
Fugir não tentes, porque eu sou a *morte!*

Albergaria-a-Velha — *Olegna*

TRABALHOS EM PROSA

SINCOPADAS

2) Uma tal *camada* de elementos heterogénios, à superfície terrestre, faz-me cismar com *intusiasmo* na sua solução. — 3-2

Luanda — *D'Artagnan J.or*

(A Siulno)

3) Foi uma *ilusão*.... encontrei tudo com aspecto *tenebroso*. — 3-2

Lisboa — *Dado*

4) Um homem *formoso* não *procura* você. — 3-2

Luanda — *Dr. Sicascar*

(Ao confrade «Olegna» com imensa simpatia)

5) *Amor!* O maior deve ser devotado à *pátria*. — 3-2

Lisboa — *Alguém*

6) Uma *rapariga esperta* não pode ser uma *toupeira*. — 3-2

Luanda — *Ti-Beado*

7) *Melindrar-se* por ela *resmungar?* — 3-2

Lisboa — *Aço*

8) Um *ébrio* não tem *inteligência*. — 3-2

Lisboa — *Erbelo*

9) Quando um *projecto* é útil, deve por-se, logo, em *prática*. — 3-2

Lisboa — *Morenita*

10) Nunca receberei o *melhor prémio*. — 3-2

Algés — *Marcolim*

Tôda a correspondência respeitante a esta secção deve ser dirigida a: **Isidro António Gayo**, redacção da *Ilustração*, Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

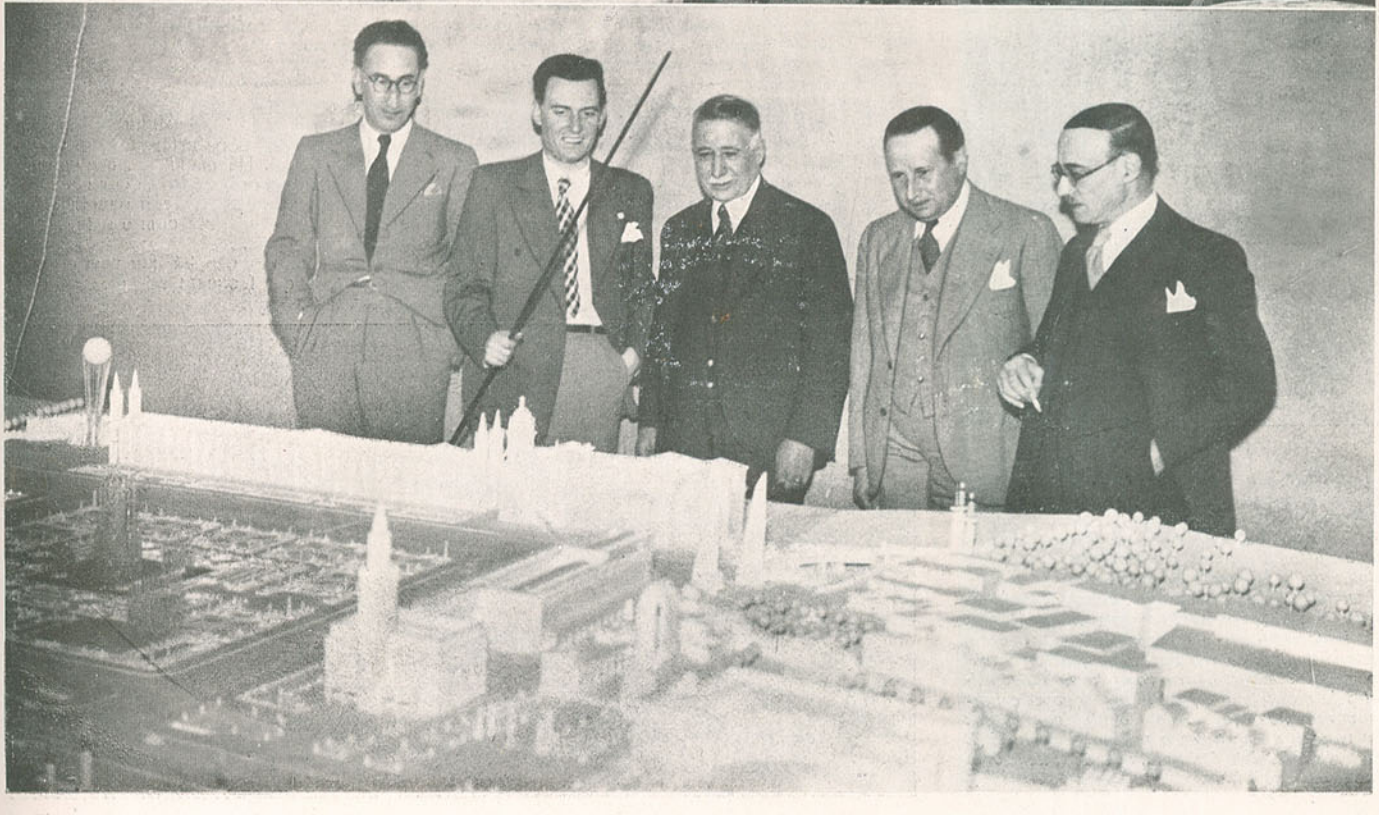
11) GEROGLIFO COMPLEXO

(Enigma figurado)

Albergaria-a-Velha — *Olegna*

NOTAS DA QUINZENA

Os jornalistas portugueses que, a convite do British Council, partiram em missão jornalística para a Inglaterra. — *Ao centro:* O sr. Ministro da Alemanha entregando a medalha de ouro Leibniz da Academia de Ciências de Berlim ao sr. prof. Gustavo Cordeiro Ramos. — *Em baixo:* A visita do sr. Albino de Sousa Cruz, presidente da Comissão Executiva das Comemorações Centenárias da Colónia Portuguesa no Brasil, à Exposição miniatura do Mundo Português



A educação dum povo deve ser um dos maiores cuidados, porque representa uma fôrça, que dificilmente é vencida, mas essa educação tem de ser feita não apenas pelos dirigentes dum país, mas sim por todos e principalmente pelas mães.

Instrucção não é educação, cumpre não confundir estas duas palavras como muita gente faz.

A instrucção são os professores que a dão, sôbre ela velam os que nos governam, a educação essa dá-se em casa e compete às mães ministrá-la e começar a fazê-lo logo que as crianças nascem, porque lá vem o ditado que diz: "De pequenino se torce o pepino„ e assim é. E em Portugal, triste é dizê-lo, as mães sabem educar os seus filhos.

Parece até que fazem um certo gôsto em que êles sejam malcriados, o que conseguem em absoluto, porque poucas são as famílias que apresentam crianças bem educadas, e o motivo é fácil de compreender: a mulher portuguêsa tem uma sensibilidade exagerada, doentia quási, que a leva a amar os filhos duma maneira errada, pensando que contrariá-los é não lhes querer bem, e o resultado é a triste educação das crianças em Portugal, que se estende até à idade em que não têm a desculpa da inconsciencia; a má criação que floresce em tôdas as classes sociais, e, de que muitas se orgulham como duma preciosa qualidade.

Nada se nega aos meninos, mechem em tudo, revolvem uma casa, e, as mães sorridentes dizem: "coitadinho não o contrario, tem muito tempo para sofrer„, sem compreender, pobres criaturas, que êsse ente habituado a fazer só a sua vontade sofrerá o triplo do que sofreria se tivesse sido habituado a não fazer tudo o que lhe apetece.

A criança faz uma tolice, uma maldade que às vezes denota um certo fundo de perversidade; esconde-se, não é castigada e quantos males não virão mais tarde dessa tolerância de agora, a que uma correcção a tempo evitaria a repetição, e talvez o desenvolvimento de nefastos germens, que encontram nessa tolerância, terreno para se desenvolver.

As crianças ocupam os melhores lugares; num electrico são elas que vão refastela-las e as pessôas de idade em pé; elas é que falam e gritam e habituadas a não respeitar ninguém, é vê-las à saida das escolas, trocando e sendo incorrectas com senhoras e homens que encontram, sem respeito e sem medo, porque a verdade é que as nossas crianças são corajosas, até ao dia em que encontram quem lhes dê o devido correctivo, em geral, muito bem merecido.

Claro que habituadas a isto, quando crescem não melhoram, nos carros electricos atropelam as senhoras, tomam os lugares e ainda olham para elas com o ar de quem diz: "Talvez pensasses, que te ias sentar„.

Há uma pequena percentagem que assim não faz e que nos mostra que ainda houve mães que davam educação no seu tempo. De futuro não sei o que será, porque noto que cada vez as mães dão menos atenção à educação dos seus filhos, com um desgraçado resultado, no futuro, certamente.

Quem viaja e se habitúa a vêr a maneira de proceder noutros países, principalmente nos nórdicos, porque é para notar que quanto mais para o norte mais educação e mais civilisação se encontra, sente uma profunda tristeza ao observar a diferença de procedimentos em aglomerações e em transportes públicos, que existe entre esses povos e o nosso.

Dizem-me que há outros povos em que há os mesmos costumes e em que as crianças são igualmente mal guiadas, mas isso não me serve de consolação, porque o meu amor pátrio, faz-me desejar vêr a gente do meu país equiparada em tudo, aos melhores do mundo, aos mais bem educados, aos mais atenciosos, aos mais valorosos.

É fácil isso será no dia em que as mães portuguesas se convençam a dar a seus filhos a necessária educação, que as tornará as primeiras, entre as educadas, porque a verdade é que a nossa gente e a nossa criança têm uma inteligência mais arguta e mais desenvolvida do que qualquer outra, e essa qualidade deve ser aproveitada, com sensatez, no sentido benéfico da educação e não nesse mimo exagerado, nessa admiração constante que tudo estraga e destroi, do que de bom existe na pobre criança.

As mães devem educar a sua sensibilidade e convencer-se de que seguem um errado caminho, devem lêr tratados de educação, instruir-se, tornar-se dignas dessa sagrada missão, que é a maternidade, e, que se não pode limitar a criar perfeitos entes físicos e desgraçadas criaturas morais,

A par da ternura, do amôr, dos cuidados físicos, a serenidade, a severidade quando fôr precisa, e a tôda a hora os ensinamentos da educação, que é preferivel sejam dados por uma mãi amorável, do que mais tarde ministrados pelos que tiverem que lidar com as arestas da falsa educação e de as limar à custa de repreensões.

MARIA DE EÇA.

PÁGINAS FEMININAS

A MODA

PRÁTICA nas «toilettes» da manhã, de viagem, de campo e de passeio, a moda dêste ano, é complicada nos vestidos de cerimónia e nos vestidos de noite, duma minuciosa complicação, que evoca os vestidos de outras eras.

As rendinhas, o tule, o cuidado na ornamentação aparecem de novo nos vestidos fazendo-nos ver que a mulher será sempre mulher, e que o atrativo da guarnição delicada, das flôres, das fitas e das rendas, se faz sentir tanto na mulher emancipada dêste século, como se fazia na mulher de há séculos.

A mulher tem sempre o amor ao que é belo e que a pode tornar mais encantadora, e, é simpática a moda dêste ano, que nos deixa escolher aquilo que mais nos pode agradar, mas que põe nas nossas «toilettes» a nota alegre dum ramo de flôres, a frescura duma gola branca, o ponto luminoso duma renda que espuma leve, empresta à «toilette» seja ela qual fôr, frescura e graça que lhe dão esse ar feminino que seduz e atrai.

Vestir bem é uma arte nalgumas senhoras instintiva como todas as artes, e, noutras um objecto de estudo. Há quem censure as que a estudam, mas é um grande erro, nunca devemos censurar um esfôrço para atingir o melhor, seja no que fôr, e, muitas vezes com o estudo atinge-se o fim desejado.

Quantas senhoras não há que vestiam com pouco gôsto e que frequentando grandes cidades e meios elegantes, acabam por vestir com o maior «chic».

Para vestir bem é preciso antes de tudo saber o que podemos usar e o que devemos pôr de parte é essa faculdade que temos com a moda actual que é para todos os gôstos e para todas as figuras.

Nos modêlos que hoje apresentamos teêm as nossas leitoras a confirmação do que lhes dizemos.

Para simples uma elegantíssima toilette, do mais apurado gôsto, simplicidade que não exclui um certo requinte, que toma este conjunto o que se chama «tailleur habillé». Em fazenda leve de lã, a saia é cortada em panos estreitos, que alargam ligeiramente para baixo formando um pouco de roda, e, na borda fazendo um recorte ás ondas, muito gracioso. O casaco dum maravilhoso corte tem as frentes guarnecidas por umas tiras estreitas também recortados.

O colete em sêda branca grossa, tem a gola e as bordas todas recortadas e abotôa com botões azuis escuros, a côr do vestido. Uma linda flôr branca pregada na gola da blusa dá-lhe esse ar de fresca elegância que é a nota dêste ano.

O chapeu em palha doirada é guarnecido com uma grande laçada em «moirée» azul escura.

Para a tarde um vestido em «crêpe marocain» vermelho escuro, saia e corpo separado com uma aba que termina por um folhinho plissado motivo que guarnece os tufos das mangas. Um lindo peitilho em «lingerie» branco um folhinho que sublinha o encaixe e os canhões da manga dão-lhe a maior graça assim como a saia de baixo que ligeiramente aparece em cambraia bordada e rendas. E' um vestido que marca a época e é duma grande beleza.

Para a noite um vestido que evoca a elegância da Imperatriz Eugénia. Sôbre um amplo «dessous» em «chiffon» côr de rosa um vestido feito de tiras de finíssima renda chantilly e tiras franzidas de tule preto; a parte de baixo é feita por um alto folho franzido que dá ao vestido a maior amplidão, as mangas são uns balões de entremeios de renda, forrados do mesmo graze «chiffon».

O penteado também da mesma época transporta-nos sem grande esfôrço ao segundo Império.

O calçado interessa sempre as senhoras, porque se impõe como uma condição para ser elegante.

Damos hoje um modêlo de sapatos de verão em pelica branca e pelica castanha, dum efeito delicioso e que são muito práticos e comodos, o que no calçado é absolutamente essencial, porque dessas qualidades depende o nosso bem estar.

O VALOR DA MULHER

Segundo a opinião dum sábio americano que tem feito aturados estudos de sociologia, a mulher tem o seu valor ligado ao adiantado da civilização, é para notar que este sábio mede valor da mulher debaixo do aspeto mercantil.

Na America e na Europa onde é mais adiantada a civilização a mulher recebe as maiores homenagens, e, nm homem gasta com a sua mulher ou a sua filha 70 % dos seus honorários ou do seu rendimento com despezas de «toilette» de alimentação de estudos e até mesmo de dote. Nos paizes onde a civilização não entrou as mulheres vendem-se como o gado.

Os cafres vendem uma filha ou uma mulher por oito vacas. Os bárbaros contentam-se com uma pequena porção de manteiga. Os esquimáus vendem mulheres e filhas por um pacote de tabaco.

Assim vemos que nos paizes selvagens é ainda bem triste a situação da mulher reduzida a ser apenas um animal negociavel e não um ente pensante e com direitos e deveres.

A DECORAÇÃO DA CASA

TEM sem que nisso pense a maioria das pessoas, um efeito muito a ponderar no estado de nervos e portanto no estado geral da saúde.

Ao escolher uma côr para pintar ou forrar a papel as paredes da nossa habitação, temos que olhar não só ao efeito de beleza mas também à influência, que a côr dessa pintura ou dêsse papel pode exercer no nosso sistema nervoso.

Há côres, como o vermelho, que embora muito decorativas, a mais decorativa das côres, podemos dizê-lo sem errar, tem no estado dos nossos nervos a peor das influências. O vermelho é um excitante, que irrita as pessoas nervosas.

Uma das côres que deve ser preferida para o quarto de dormir é o rosa velho ou mesmo o simples rosa, porque dá um sono pacífico e além disso cura a neurastenia e a inexplicável melancolia que assalta algumas pessoas.

Num quarto mal iluminado, num corredor, devemos escolher um papel ou pintura branco ou azul claro porque são côres que reflectem a luz, dando assim uma maior claridade.

Numa sala de estar, numa biblioteca, num escritório, são recomendáveis as côres neutras como o «beije», o cinzento claro ou ainda o azul celeste e o verde pálido

O azul forte côr das águas do mediterrâneo, convida à concentração e num escritório bem iluminado e visitado pelo sol é muito recomendável e da maior eficácia, para quem quer trabalhar num ambiente de paz.

A côr de laranja é também muito recomendada por alguns especialistas de nervos que consideram esta côr pacificante e muito útil aos irritáveis.

E' atendendo a todos estes pequenos nadas, que a mulher que decora e arranja a sua casa consegue um ambiente confortável, que faz da casa o lar, quer dizer o local dêste mundo onde melhor nos sentimos e, onde vivemos a nossa verdadeira vida, a vida interior.

RECEITAS DE COZINHA

Creme de laranja: — 8 ovos, 4 claras, 200 gramas de açúcar e o sumo de 4 laranjas. Batem-se bem as gemas com o açúcar e depois junta-se-lhes o sumo das laranjas, levando-se a lume brando até engrossar. Tira-se do lume e deixa-se arrefecer mexendo sempre. Depois de frio deitam-se as claras que já devem estar batidas em castelo e torna-se a levar a lume brando, mexendo sempre até levantar fervura.

DE MULHER PARA MULHER

Grace: — É tão complicado o seu assunto que me vejo atrapalhada para responder. O melhor é não se precipitar numa resolução de que se pode arrepender. Convença seus pais a esperarem algum tempo a deixá-la reflectir e emtretanto é possivel que as coisas se resolvam por si próprias como tanta vez acontece na vida Apresente-se sempre serena e faça o possivel por estar tranquila. Não é caso irremediável como diz.

FIM DE FESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — A. R. 2
Copas — — — —
Ouros — 4, 3, 2
Paus — 2

Espadas — — — —	N	Espadas — V.
Copas — D. V. 10, 9	O E	Copas — 8
Ouros — D.		Ouros — A. R.
Paus — D. 9	S	Paus — R. V. 10

Espadas — D.
Copas — A. R. 2
Ouros — — — —
Paus — A. 4, 3

Trunfo é espadas. **S** joga e faz tôdas as vasas.

(Solução)

S joga o 4 de *paus*. **N** — o 3 de *ouros*.
N » o V. de *ouros*, **S** — o Az de *espadas*.
N » o 2 de *copas*, **S** — o V. de *copas*.
S » o Az de copas, **N** — o 4 de copas.
S » o 5 de *espadas*, e **N** — faz a D. de *espadas* e o 6 de *copas*.

Nihil novum sub sole

Não sabem, talvez, que quem teve a primeira ideia dos *tanks*, foi Voltaire?

Expôs extensamente essa ideia na sua correspondência. As suas cartas ao marquês de Florian falam claramente sôbre o assunto e nelas descreve uns carros de onde se lançariam granadas, sendo bem curiosa essa descrição.

Tambem Flaubert, na *Salambô* descreveu umas máquinas bastante parecidas com os *tanks*.

O sexo «fraco»

Duma estatística publicada em Londres, vê-se que o número de mulheres que exercem diversas profissões excede, em Inglaterra, o dos homens.

Contam-se, efectivamente, inscritas nos sindicatos 389.359, mulheres, contra 356.726 homens.

Há 347 mulheres ferreiras, 820 trabalham nos caminhos de ferro, como revisoras ou agulheiras. Sessenta exercem o ofício de encadernadoras.

Sabe-se por outro lado, que um certo número delas exercem importantes funções na polícia, como inspectoras ou superintendentes.

Em regra geral, o cabelo do homem embranquece cinco anos mais cêdo que o da mulher.

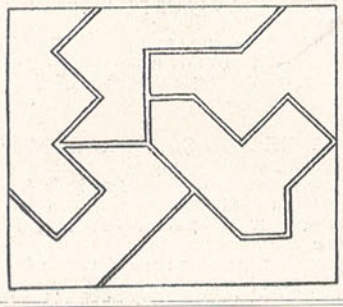
De onde vem a expressão «dourar a pilula»

Antigamente julgava-se que o ouro era útil para a cura dos doentes. Quando se preparavam medicamentos, pensava-se que a sua acção benéfica seria muito mais poderosa se se lhe juntasse ouro, e os farmaceuticos douravam pois as pilulas, o que inspirava confiança aos doentes e dessa forma não lhes custava tanto a engulir as drogas amargas.

Se com todo o tabaco que se consome no mundo durante um ano, se fizesse uma corda de cinco centimetros de grossura, esta alcançaria um comprimento suficiente para dar 30 vezes a volta à terra pelo Equador, e se se juntasse todo num monte, bastaria para enterrar uma cidade inteira.

Linha divisória

(Solução)



Quantos carneiros?

(Problema)

Ao perguntarem a um pastor quantos carneiros tinha no redil, respondeu: — Se eu tivesse outros tantos e mais metade dos que tenho e ainda mais sete, teria ao todo 32.

Quantos carneiros tinha êle, afinal de contas?

Os irmãos Westmore são os grão-mestres da *maquillage* de Hollywood. Efectivamente, junto de cada uma das quatro grandes firmas cinematográficas encontra-se um seu representante.

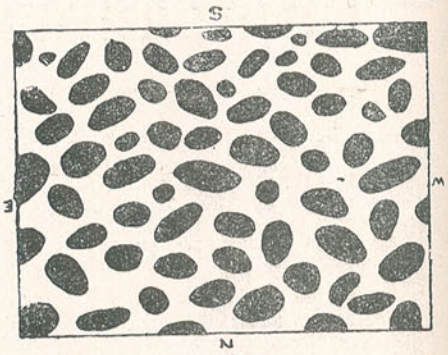
E fôram êles que publicaram a espantosa estatística dos produtos de beleza alí anualmente utilisados:

5 toneladas de pó de arroz; 15.000 *bâtons* de *rouge* para os lábios; 3000 barricas de óleos filtrantes destinados a untar convenientemente os corpos das vedetas e a comunicar-lhes aquêle calôr especial, de grande vantagem no trabalho das câmaras.

Sem falar dos milhares de cabeleiras e de falsas pestanas, de que as estrêlas fazem uso habitual para embelezarem o penteado e o olhar.

O rumo do paquete

(Problema)



Existe em plena Oceania um arquipélago formado por inúmeras ilhas, ilhéus e simples penedias, tal como estão representados na figura junta.

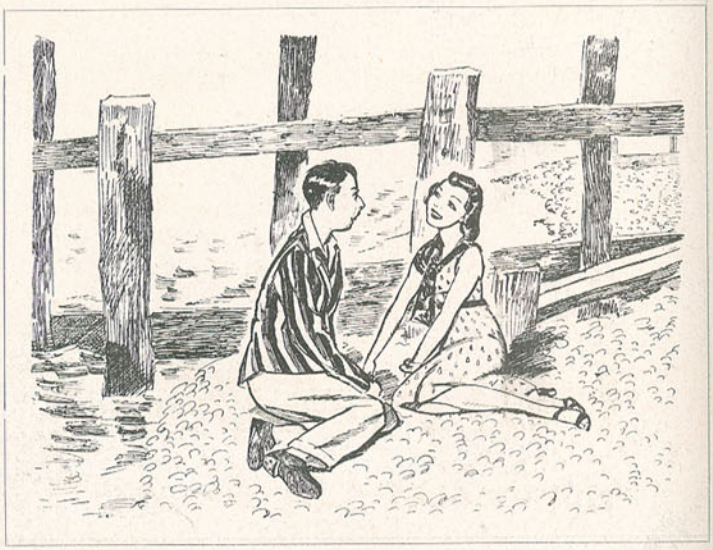
Os paquetes da carreira da Austrália, por economia de tempo e para fugir a certas correntes perigosas bem como a zonas de ciclones terriveis, vêem-se forçados a atravessar êste arquipélago, numa viagem difícil, de Sul para Norte e quási sempre de noite. Para isso, segundo descobriu um velho lobo de mar, têm dois rumos excelentes, pois são em linha recta. Poderão os nossos leitores, por muito pouco afeitos que estejam a andar por sôbre as águas do mar, tracejar êsses dois rumos no nosso desenho?

Os soldados de chumbo

(Solução)

Eis como o Antoninho dispôz os seus 150 soldados em 25 grupos, de forma a tomar 30 soldados em todos os sentidos do quadrado:

10	8	2	4	6 — 30
2	4	6	10	8 — 30
6	10	8	2	4 — 30
8	2	4	6	10 — 30
4	6	10	8	2 — 30
30	30	30	30	30



— Não; acredita que não me estou a rir de ti, querido. Lembrei-me, agora, de que foi justamente nêste lugar que eu, o ano passado, aceitei também, outra proposta de casamento.

(«De London Opinion»)

Companhia de Seguros SAGRES

Sinistros pagos até 31-12-1938

Esc. 21.045.116$72

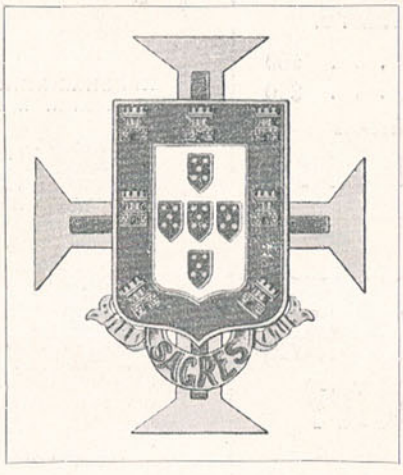
Seguros Acidentes de Trabalho

Seguros de automóveis, Responsabilidade civil, todos os riscos

CONSULTEM

A

SAGRES



Capital e reservas em 31-12-1938

Esc. 15.863.803$97

Seguros Postais, Fogo, Marítimos, Agrícolas e Cristais

Seguros de Vida em tôdas as modalidades

CONSULTEM

A

SAGRES

Companhia de Seguros SAGRES

RUA DO OURO, 191 — (Edificio próprio) — **Telef. 2 4171**

A Companhia mandará um empregado a quem o solicitar mesmo pelo telefone

---

À VENDA

AGOSTINHO DE CAMPOS

Da Academia das Ciências de Lisboa

GLOSSÁRIO

DE INCERTEZAS, NOVIDADES, CURIOSIDADES DA LÍNGUA PORTUGUESA, E TAMBÉM DE ATROCIDADES DA NOSSA ESCRITA ACTUAL

1 volume brochado ..... **15$00**

Pelo correio à cobrança ..... **16$50**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O jornal de maior reportagem mundial

Paris-soir

TODOS OS DIAS 70 CENTAVOS

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

COLECÇÃO FAMILIAR P. B.

Esta colecção, **especialmente destinada a senhoras e meninas,** veio preencher uma falta que era muito sentida no nosso meio. Nela estão publicadas e serão incluidas sómente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entrecho romântico sugestivo interêsse, **ofereçam também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma,** de tudo quanto numa palavra, deve germinar no espirito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviando-a de emcantos e seduções, quer desabrochada em flor, após ter sido delicado botão, se temha transformado em mãi de família, educadora de filhos e escrinio de virtudes conjugais.

Volumes publicados:

M. MARYAN

Caminhos da vida
Em volta dum testamento
Pequena rainha
Dívida de honra
Casa de família
Entre espinhos e flores
A estátua velada
O grito da consciência
Romance de uma herdeira
Pedras vivas
A pupila do coronel
O segrêdo de um berço
A vila das pombas
O calvário de uma mulher
O anjo do lar
A fôrça do Destino
Batalhas do Amor
Uma mulher ideal
Ilusão perdida

SELMA LAGERLÖF

Os sete pecados mortais e outras histórias

Cada vol. brochado . . . **Esc. 4$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ZIG-ZAG

O UNICO PAPEL DE FUMAR QUE NÃO AFECTA A GARGANTA

DOUBLE $60
Simples $30

Unicos importadores

CASA HAVANEZA—LISBOA

COMO OBTER IDEIAS LUCIDAS E CLAREZA DE ESPIRITO?

por **G. VOGT**

Manual completo para se vencer a preguiça da inteligência, a falta de energia, a fraqueza de espírito, a distracção, a falta de memória, o acabrunhamento, o desânimo, o mêdo, a irritação, a fadiga, o receio da loucura, e em geral todos os esmorecimentos do espírito e da alma, segundo as descobertas e métodos experimentados pelos doutores *Haig, Contani* e *Lévy*

1 volume de 154 páginas, brochado **6$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 – LISBOA

ELLICK MORN

Se queres viver, desperta e luta!

A ARTE DE REVIGORAR
A ALMA E O CORPO

Os homens podem ser felizes. — A Educação das energias humanas. — Vários meios de obter o seu próprio renascimento. — A conquista da alegria. — A arte de ser bom. — Como se adquire energia. — Da saúde da alma à saúde do corpo. — O nosso destino está em nós mesmos. — A felicidade

1 vol. de 268 págs., broc..... **6$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de Dr.ª Sára Benoliel e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo volume ilustrado

6$00

Depositária:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS
POR
ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. **25$00**

DEPOSITÁRIA:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
— (1.ª edição), 1 vol. br. ... 15$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AO OUVIDO DE M.me X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. 10$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DIÁLOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol br. ... 1$50
ÊLES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
OUTROS TEMPOS (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol Enc. 17$50; br. ... 12$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. ... 2$00
UNIDADE DA LINGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. ... 1$50
VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9$00; br. ... 4$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. ... 3$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. ... 3$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. ... 1$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÓA — (5.ª edição), 1 vol. br. 3$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. 2$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. 4$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 4$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 5$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. 6$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

OBRAS DE JÚLIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versões portuguesas autorizadas pelo autor e editôres, feitas pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

A leitura dos romances de Júlio Verne distrai, instrue e faz meditar, constituindo FORMIDÁVEL EXERCÍCIO DE INTELIGÊNCIA

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10$00

1 — **Da terra à lua,** viagem directa em 97 horas e 20 minutos, tradução de Henrique de Macedo. 1 volume.
2 — **Á roda da lua,** trad. de Henrique de Macedo. 1 vol.
3 — **A volta ao mundo em oitenta dias,** trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.

Aventuras do capitão Hatteras, trad. de Henrique de Macedo:
4 — 1.ª parte — *Os ingleses no Polo Norte.* 1 vol.
5 — 2.ª parte — *O deserto de gêlo.* 1 vol.
6 — **Cinco semanas em balão,** trad. do Dr. Francisco Augusto Correia Barata. 1 vol.
7 — **Aventuras de três russos e três ingleses,** trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
8 — **Viagem ao centro da terra,** trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.

Os filhos do capitão Grant, trad. de A. M. da Cunha e Sá:
9 — 1.ª parte — *América do Sul* 1 vol.
10 — 2.ª parte — *Austrália Meridional.* 1 vol.
11 — 3.ª parte — *Oceano Pacífico.* 1 vol.

Vinte mil léguas submarinas:
12 — 1.ª parte — *O homem das águas,* trad. de Gaspar Borges de Avelar.
13 — 2.ª parte — *O fundo do mar,* trad. de Francisco Gomes Moniz. 1 vol.

A ilha misteriosa, trad. de Henrique de Macedo:
14 — 1.ª parte — *Os náufragos do ar.* 1 vol.
15 — 2.ª parte — *O abandonado.* 1 vol.
16 — 3.ª parte — *O segrêdo da ilha.* 1 vol.

Miguel Strogoff, trad. de Pedro Vidoeira:
17 — 1.ª parte — *O correio do Czar.* 1 vol.
18 — 2.ª parte — *A invasão.* 1 vol.

O país das peles, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho:
19 — 1.ª parte — *O eclipse de 1860.* 1 vol.
20 — 2.ª parte — *A ilha errante.* 1 vol.
21 — **Uma cidade flutuante,** trad. de Pedro Guilherme dos Santos Denis. 1 vol.
22 — **As Índias negras,** trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.

Heitor Servadac, trad. de Xavier da Cunha:
23 — 1.ª parte — *O cataclismo cósmico.* 1 vol.
24 — 2.ª parte — *Os habitantes do cometa.* 1 vol.
25 — **O Doutor Ox,** trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.

Um herói de quinze anos, trad. de Pedro Denis:
26 — 1.ª parte — *A viagem fatal.* 1 vol.
27 — 2.ª parte — *Na África.* 1 vol.
28 — **A galera Chancellor,** trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
29 — **Os quinhentos milhões da Begun,** trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
30 — **Atribulações de um chinês na China,** trad. de Manuel Maria de Mendonça Balsemão. 1 vol.

A casa a vapor, trad. de A. M. da Cunha e Sá:
31 — 1.ª parte — *A chama errante.* 1 vol.
32 — 2.ª parte — *A ressuscitada.* 1 vol.

A jangada, trad. de Pompeu Garrido:
33 — 1.ª parte — *O segrêdo terrível.* 1 vol.
34 — 2.ª parte — *A justificação.* 1 vol.

As grandes viagens e os grandes viajantes, trad. de Manuel Pinheiro Chagas:
35 — 1.ª parte — *A descoberta da terra.* 1.º vol.
36 — 1.ª parte — *A descoberta da terra.* 2.º vol.
37 — 2.ª parte — *Os navegadores do século XVIII.* 1.º vol.
38 — 2.ª parte — *Os navegadores do século XVIII.* 2.º vol.
39 — 3.ª parte — *Os exploradores do século XIX.* 1.º vol.
40 — 3.ª parte — *Os exploradores do século XIX.* 2.º vol.
41 — **A escola dos Robinsons,** trad. de Assis de Carvalho. 1 vol.
42 — **O raio verde,** trad. de Mendonça Balsemão. 1 vol.

Kéraban, o Cabeçudo, trad. de Urbano de Castro:
43 — 1.ª parte — *De Constantinopla a Scutari*
44 — 2.ª parte — *O regresso.* 1 vol.
45 — **A estrêla do sul,** trad. de Almeida de Eça. 1 vol.
46 — **Os piratas do arquipélago,** trad. de João Maria Jales. 1 vol.

Matias Sandorff:
47 — 1.ª parte — *O pombo correio.* 1 vol.
48 — 2.ª parte — *Cabo Matifoux.* 1 vol.
49 — 3.ª parte — *O passado e o presente.* 1 vol.
50 — **O náufrago do «Cynthia»,** trad. de Agostinho Sottomayor. 1 vol.
51 — **O bilhete de lotaria n.º 9.672,** trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
52 — **Robur, o Conquistador,** trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.

Norte contra Sul, trad. de Almeida de Eça:
53 — 1.ª parte — *O ódio do Texar.* 1 vol.
54 — 2.ª parte — *Justiça.* 1 vol.
55 — **O caminho da França,** trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.

Dois anos de férias, trad. de Fernandes Costa:
56 — 1.ª parte — *A escuna perdida.* 1 vol.
57 — 2.ª parte — *A colónia infantil.* 1 vol.

Família sem nome, trad. de Lino de Assunção:
58 — 1.ª parte — *Os filhos do traidor.* 1 vol.
59 — 2.ª parte — *O padre Johann.* 1 vol.
60 — **Fora dos eixos,** trad. de Augusto Fuschini. 1 vol.

Cesar Cascabel:
61 — 1.ª parte — *A despedida do novo continente,* trad. de Salomão Sáraga. 1 vol.
62 — 2.ª parte — *A chegada ao velho mundo,* trad. de Lino de Assunção. 1 vol.

A mulher do capitão Branican, trad. de Silva Pinto:
63 — 1.ª parte — *A' procura dos náufragos.* 1 vol.
64 — 2.ª parte — *Deus dispõe.* 1 vol.
65 — **O castelo dos Carpathos,** trad. de Pinheiro Chagas. 1 vol.
66 — **Em frente da bandeira,** trad. de Manuel de Macedo. 1 vol

A ilha de Hélice, trad. de Henrique Lopes de Mendonça:
67 — 1.ª parte — *A cidade dos biliões.* 1 vol.
68 — 2.ª parte — *Distúrbios no Pacífico.* 1 vol.
69 — **Clovis Dardentor,** trad. de Higino de Mendonça. 1 vol.

A esfinge dos gêlos, trad. de Napoleão Toscano:
70 — 1.ª parte — *Viagens aos mares austrais.* 1 vol.
71 — 2.ª parte — *Lutas de marinheiro.* 1 vol.
72 — **A carteira do repórter,** trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.

O soberbo Orenoco, trad. de Aníbal de Azevedo:
73 — 1.ª parte — *O filho do coronel.* 1 vol.
74 — 2.ª parte — *O coronel de Kermor.* 1 vol.
75 — **Um drama na Livónia,** trad. de Fernando Correia. 1 vol.
76 — **Os náufragos do Jonathan,** trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 1.º vol.
77 — **Os náufragos do Jonathan,** trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 2.º vol.
78 — **A invasão do mar,** trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.
79 — **O farol do cabo do mundo,** trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.
80 — **A Aldeia Aérea,** trad. de José Coelho de Jesus Pacheco. 1 vol.
81 — **A Agência Thompson & C.ª,** 1.ª parte. Tradução de J. B. Pinto da Silva e Diogo do Carmo Reis. 1 vol.
82 — **A Agência Thompson & C.ª,** 2.ª parte. Tradução de J. B. Pinto da Silva e Diogo do Carmo Reis. 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — R. Garrett, 73-75 — LISBOA

A todos os portugueses, conscientes do amor que devem à sua língua, torna-se indispensável possuir, na sua estante ou na sua mesa de trabalho, o verdadeiro monumento da língua portuguesa, que é o Dicionário de Cândido de Figueiredo.

NOVO DICIONÁRIO

DA

LÍNGUA PORTUGUESA

POR

CÂNDIDO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia Brasileira de Letras, da Real Academia Espanhola, da Sociedade Asiática de Paris, da Academia de Jurisprudência de Madrid, do Instituto de Coimbra, etc., etc.

QUINTA EDIÇÃO (Actualizada na grafia e copiosamente ampliada)

O Novo Dicionário, redigido em harmonia com os modernos princípios da ciência da linguagem, e em que se contém mais do dôbro dos vocábulos até agora registados nos melhores dicionários portugueses, é o mais actualizado, autorizado e completo Dicionário da Língua Portuguesa.

Só nas cinco primeiras letras do alfabeto, esta nova edição regista mais onze mil cento e cinqùenta vocábulos do que a edição anterior

A obra completa constará de 2 grossos volumes no formato de 26×19 com **2.400** páginas aproximadamente, ou sejam **30 tomos**

A LIVRARIA BERTRAND, para facilitar a aquisição desta grande obra, faz a sua venda em tomos mensais de 80 páginas, a

Escudos 9$00 cada tômo

garantindo toda a regularidade na publicação dos tomos pois a impressão da obra está muito adiantada, podendo mesmo nalguns meses ser postos à venda dois tomos.

À VENDA O 4.º TÔMO

Pelo correio à cobrança, Esc. 10$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA